

Universidade Aberta
Departamento de Ciências Sociais e de Gestão

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – O PATRIMÓNIO
INDUSTRIAL DA COVILHÃ COMO RECURSO
EDUCATIVO**

Cristina Maria Fonseca Martins

Orientador: Professor Doutor Paulo Oliveira Ramos

Dissertação de Mestrado em
Estudos do Património

Lisboa, 2011

Universidade Aberta
Departamento de Ciências Sociais e de Gestão

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – O PATRIMÓNIO
INDUSTRIAL DA COVILHÃ
COMO RECURSO EDUCATIVO**

Cristina Maria Fonseca Martins

Orientador: Professor Doutor Paulo Oliveira Ramos

Dissertação de Mestrado em
Estudos do Património

Lisboa, 2011

Resumo

A educação patrimonial constitui o processo de ensino e aprendizagem que medeia o sujeito e o objecto de conhecimento: o património. Na Covilhã, o património industrial tem um significado particularmente marcante devido à importância que a actividade dos lanifícios teve para a cidade e para a sua população durante séculos. Os testemunhos materiais daquela actividade continuam visíveis na paisagem, mas perdem sentido para os mais jovens por se encontrarem afastados, temporalmente, da realidade económica que outrora mobilizou a cidade. Conhecer, valorizar e divulgar os testemunhos do património industrial dos lanifícios, compreende acções de sensibilização e defesa do património que devem ser iniciadas nos mais jovens. Aliar o ensino formal ao ensino não formal e informal, articular a aprendizagem em contexto de sala de aula com o contacto directo das fontes e desenvolver actividades estimulantes e enriquecedoras com os jovens na descoberta do meio onde vivem, fomenta a prática de uma cidadania activa em prol da salvaguarda do património e da memória e identidade colectivas.

Palavras-chave:

Educação patrimonial

Património

Património industrial

Ensino formal

Ensino não formal

Ensino informal

Salvaguarda

Memória

Identidade

Résumé

L'éducation au patrimoine est le processus d'enseignement et d'apprentissage qui médie le sujet et l'objet de connaissance: le patrimoine. À Covilhã, le patrimoine industriel a une signification particulièrement frappante en raison de l'importance que l'activité de la laine avait pour la ville et pour ses habitants, pendant des siècles. Les témoignages matériels de cette activité sont encore visibles dans le paysage, mais ils ne font pas du sens pour les jeunes parce qu'ils sont loin, temporairement, de la réalité économique qui, autrefois, a mobilisé la ville. Connaître, valoriser et diffuser les témoignages de l'industrie lainière, comprend des actions de sensibilisation et de défense du patrimoine, qui doivent être initiés sur les jeunes. Allier l'éducation formelle avec l'éducation non formelle et informelle, articuler l'apprentissage en contexte de la classe avec le contact direct des sources et développer d'activités stimulantes et enrichissantes avec les jeunes dans la découverte de l'endroit où ils habitent, encourage la pratique de la citoyenneté active pour le bien de la sauvegarde du patrimoine et de la mémoire et l'identité collective.

Mots-clés:

L'éducation au patrimoine

Patrimoine

Patrimoine industriel

L'éducation formelle

L'éducation non formelle

L'éducation informelle

Sauvegarde

Mémoire

Identité

Abstract

The heritage education is a process of teaching and learning that mediates the subject and the object of knowledge: the heritage. In Covilhã, the industrial heritage has meant a particularly striking because the wool activity was very important to the city and to its people, for centuries. The material evidence of that activity is still visible in the landscape, but it makes no sense for the youth because they are temporarily away from economic reality that once mobilized the city. To know, to value and disseminate the testimonies of the wool industry it is extremely important the organization of workshops to young people, in order to protect the heritage. To combine formal education with non-formal and informal education, articulate the learning in the classroom context with direct contact of the sources and develop stimulating and enriching activities with young people in order to discover their city, encourages the practice of an active citizenship to safeguarding the heritage and collective memory and identity.

Keywords:

Heritage education

Heritage

Industrial heritage

Formal education

Non-formal education

Informal education

Safeguard

Memory

Identity

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	I
▫ Objectivos do trabalho	I
▫ Estrutura do trabalho	III
▫ Pressupostos teóricos	V
- Educação e Património	V
- A educação formal, não formal e informal	VIII
▫ Definição de conceitos	XI
▫ Limites da pesquisa	XV
PARTE I – Caracterização geográfica e histórica do Património Industrial da Covilhã	Pág. 1
▫ Contextualização geográfica	Pág. 1
▫ A importância do Património Industrial na cidade da Covilhã	Pág. 3
PARTE II – O Património industrial da Covilhã como recurso educativo em contexto formal, não formal e informal de educação	Pág. 9
▫ Contexto formal	Pág. 11
A escola	Pág. 11
▫ Contexto não formal	Pág. 13
- O museu	Pág. 13
- As bibliotecas e arquivos	Pág. 15
▫ Contexto informal	Pág. 16
- A imprensa – local e escolar	Pág. 17
- A internet	Pág. 18
▫ A articulação entre os contextos formal, não formal e informal de educação..	Pág. 19
▫ Um caso concreto de abordagem ao Património Industrial	Pág. 20

PARTE III – Educação para o Património – A educação como meio de intervenção no Património Industrial	Pág. 38
▫ Conhecer para apropriar, valorizar e preservar o Património	Pág. 38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Pág. 45
BIBLIOGRAFIA	Pág. 48
DOCUMENTOS	Pág. 53
WEBGRAFIA	Pág. 54
CD ROM	Pág. 56
ANEXO 1	Pág. 57
ANEXO 2	Pág. 79
ANEXO 3	Pág. 80
ANEXO 4	Pág. 82
ANEXO 5	Pág. 84
ANEXO 6	Pág. 86

Agradecimentos

À minha família, e à minha mãe em especial.

Aos meus alunos.

Ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Oliveira Ramos.

Siglas e Abreviaturas

Coord. – coordenação

DGIDC – Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Dir. – direcção

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

IMC / IP – Instituto dos Museus e da Conservação / Instituto Público

IP / IGESPAR – Instituto Público / Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

MUSLAN – Museu de Lanifícios (Universidade da Beira Interior)

s.d. – sem data

UBI – Universidade da Beira Interior

V. -Ver

■ **Introdução**

▫ **Objectivos do Trabalho**

O presente trabalho de Dissertação tem por objectivos apresentar o património industrial da cidade da Covilhã como recurso educativo em diferentes contextos de educação e evidenciar o papel da educação patrimonial na promoção do conhecimento, valorização, preservação e transmissão da herança patrimonial.

A opção pelo património industrial deve-se à importância dos testemunhos deste património na cidade da Covilhã e na região onde se localiza – a Serra da Estrela. A mono-indústria dos lanifícios surgiu neste espaço territorial devido às condições naturais propícias ao seu desenvolvimento, dado que a serra foi a grande fornecedora de água, lenha e pastos para a criação de rebanhos, fonte da matéria-prima essencial a esta indústria – a lã. Ao longo dos tempos, testemunhos materiais e imateriais desta cultura industrial foram constituindo o quotidiano da população e, apesar da reconversão económica verificada acentuadamente a partir dos anos 80 do século XX (Pinheiro, 1997) e do conseqüente encerramento da maioria das unidades fabris da região, permanecem na memória colectiva da população e em inúmeros vestígios que caracterizam o ambiente físico e simbólico da Covilhã e da região envolvente.

A educação patrimonial é considerada neste trabalho como um processo de ensino e aprendizagem que em determinados contextos educativos – formal (escola), não formal (museu, bibliotecas e arquivos) ou informal (imprensa local e internet) – promove e estimula o conhecimento e a experiência directa com os vestígios patrimoniais, fomenta a apropriação da herança cultural e a aquisição de meios de actuação que permitem valorizar e respeitar um passado que se recria perante as necessidades do presente e as projecções face ao futuro.

O público-alvo das actividades realizadas de re/conhecimento, valorização e divulgação do património foram alunos de 5º e 6º ano de escolaridade que frequentaram a Escola Básica Integrada de S. Domingos da Covilhã, no ano lectivo de 2010/2011. A prática de docência da disciplina de História e Geografia de Portugal (2º ciclo), pela autora desta Dissertação, facilitou a planificação e concretização das actividades direccionadas para o estudo do Património local, um mundo ainda por descobrir e apropriar por crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos.

As actividades realizadas visaram a sensibilização dos alunos para a importância do património industrial através da promoção do conhecimento e da compreensão dos vestígios patrimoniais no contexto da história local e da história dos lanifícios. O contacto directo com testemunhos patrimoniais, a pesquisa de informação, a produção de trabalhos e a sua divulgação à comunidade escolar constituíram os primeiros passos encetados, pelos alunos envolvidos, na valorização e salvaguarda do património industrial da Covilhã.

▫ Estrutura do trabalho

Na *Introdução* são focados os objectivos que orientaram o trabalho que se apresenta, a estrutura subjacente ao seu desenvolvimento, os pressupostos teóricos, a definição de conceitos e os limites da pesquisa.

Nos *objectivos do trabalho* justifica-se a abordagem ao património industrial da Covilhã e é focado o papel da educação patrimonial em diferentes contextos de educação formal, não formal e informal como meio de ensino e aprendizagem para o conhecimento, valorização e defesa do Património.

A *estrutura do trabalho* revela o encadeamento dos assuntos tratados: Introdução – Contextualização teórica; Parte I – Contextualização geográfica e histórica; Parte II – O Património Industrial utilizado como recurso educativo em diferentes contextos de educação (formal, não formal e informal); Parte III – O papel interventivo da Educação Patrimonial no Património Industrial; Considerações Finais – Síntese das ideias mais relevantes do trabalho realizado.

Nos *pressupostos teóricos* são explanadas as ideias matriz subjacentes à Dissertação, ou seja, como o Património e a Educação patrimonial são entendidas e abordadas ao longo do trabalho.

Os *conceitos* definidos são referenciados de forma sistemática ou ocasionalmente ao longo do trabalho. A sua definição pretende facilitar a compreensão dos pressupostos teóricos inerentes ao trabalho de Dissertação.

Nos *limites da pesquisa* é balizado o tema desenvolvido com a exposição dos assuntos tratados – O património industrial da Covilhã como recurso educativo – e a apresentação do estudo de caso tratado nesta Dissertação.

Na *parte I* do trabalho procedeu-se à caracterização geográfica e histórica do Património Industrial da cidade da Covilhã através da contextualização deste património no espaço e no tempo e do reconhecimento da sua importância para a cidade e para a região envolvente.

A *parte II* aborda o Património Industrial da Covilhã como recurso educativo em contexto da educação formal (escola), não formal (museu, bibliotecas e arquivos) e informal (imprensa local e internet).

Nesta parte do trabalho é ainda tratado o estudo de caso aplicado a alunos de 2º ciclo da Escola Básica Integrada de S. Domingos da Covilhã. A sua realização teve

como objectivos potenciar a apreensão do conceito de património, articular os diferentes contextos de educação e fomentar a apropriação, valorização e divulgação do património local.

Na *parte III* evidencia-se o papel interventivo da Educação Patrimonial: no re/conhecimento da importância do património industrial da Covilhã no contexto da história local; no desenvolvimento da consciência crítica e da prática de uma cidadania activa que respeita e defende o património; no reforço da auto-estima individual e colectiva e dos laços de pertença e identificação com a cultura dos lanifícios.

As *Considerações finais* sintetizam o trabalho realizado, destacando as ideias fulcrais que foram sendo concluídas ao longo do trabalho. A pertinência da abordagem ao património industrial no contexto territorial da Covilhã e da sua região; o destaque dado ao património industrial como recurso educativo no âmbito do patrimonial local; o processo de ensino e aprendizagem do património industrial partindo do contexto da educação formal e a sua articulação com contextos não formal e informal; os objectivos preconizados; os intervenientes no processo; as competências desenvolvidas; o produto final; os reflexos na apropriação do património e as formas de divulgação do trabalho realizado.

▫ Pressupostos teóricos

Educação e Património

A educação patrimonial visa promover o conhecimento, a valorização e a salvaguarda dos bens patrimoniais, estabelecendo uma mediação entre a sociedade e o seu objecto de estudo – o património. Para que esta relação seja efectiva, os indivíduos têm de conhecer, compreender e encontrar significado no património que os rodeia, criar com os bens patrimoniais um sentimento de pertença e afinidade. A identificação com o meio e com o património fomenta a auto-estima e a afirmação cultural e suscita nos indivíduos a prática de uma cidadania activa de responsabilidade pela sua defesa e protecção.

Maria de Lourdes Parreiras Horta destaca a educação patrimonial como um processo a desenvolver ao longo da vida e o conhecimento e a apropriação do património como condições de preservação dos bens patrimoniais e de reforço da identidade e da cidadania:

(...) [A educação Patrimonial é] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e colectivo.

(...) O “conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania (Horta, 1999).

Para conhecer o património é necessário interpretá-lo, saber o porquê da sua existência e do seu devir, entender o que é importante para a comunidade e o que deve manter-se e salvaguardar.

A interpretação possibilita compreender o meio, a forma como um território evolui, o impacto que a acção do homem tem sobre o que o rodeia e o modo como factores de ordem económica e social influenciam a transformação do ambiente local. A interpretação promove ainda a consciencialização sobre o que constitui o meio envolvente e sobre a acção de preservação que deve ser impulsionada para cuidado e defesa dos bens patrimoniais.

Compreender o meio possibilita um conhecimento mais profundo e efectivo do universo onde se vive e pertence. O conhecimento dos bens patrimoniais é facilitado pela observação e exploração directa pelo indivíduo, que se torna num sujeito activo no processo educativo. O indivíduo não é um mero receptor de informação, mas antes um criador de novos conhecimentos, influenciado por circunstâncias económicas, ideológicas, políticas e culturais que condicionam a sua interpretação e compreensão do património. Essas circunstâncias geram, em cada época, novas valorizações e diferentes apropriações, selecções e intervenções no património, pelo que a herança patrimonial que é legada não pode, por consequência, ser igual à que foi recebida pelos indivíduos de uma comunidade.

O conhecimento da história e do património local é também ponto de partida para alargar horizontes e conhecer, compreender e respeitar outros patrimónios, promovendo a consolidação da identidade individual e colectiva.

Así, desde el patrimonio individual, pasando por el social (familia, escuela, barrio, lugar de recreo...) hasta el cultural (ciudad, país, continente, humanidad), existen una serie de patrimonios que configuran la identidad y definen la realidad de ese individuo com relación a sus diferentes contextos de actuación (Merillas, 2003).

Um indivíduo que valoriza o seu património poderá aprender a compreender e valorizar o património dos outros e em escalas que ultrapassam o individual e se inserem no colectivo. Conhecer e aprender a respeitar o património significa que os indivíduos estão sensibilizados para preservar um património que deve ser legado ao futuro.

O património industrial foi valorizado sobretudo a partir da revolução industrial, momento em que se verificou uma democratização do conceito de património, “que permitiu recuperar, para a “agenda da investigação”, assuntos até então ignorados (o trabalho, o lazer, o quotidiano, a vida privada e, socialmente, os anónimos, os sem voz, os marginais e os grupos minoritários” (Mendes, 2006).

Na Covilhã, o património industrial é o mais representativo do ponto de vista histórico, económico, tecnológico e cultural, devido à prática milenar dos lanifícios. O seu conhecimento promove a compreensão da história local e reforça a memória individual e colectiva.

História e memória são conceitos aparentemente próximos. Todavia, Pierre Nora, refere que os seus sentidos se opõem, embora se completem:

(...) loin d'être synonymes, nous prenons conscience que tout les oppose. La mémoire est la vie, toujours portée par des groupes vivants et à ce titre, elle est en évolution permanente, ouverte à la dialectique du souvenir et de l'amnésie, inconsciente de ses formations successives, vulnérable à tous les utilisations et manipulations, susceptible de longues latences et de soudaines revivifications. L'histoire est la reconstruction toujours problématique et incomplète de ce qui n'est plus. La mémoire est un phénomène toujours actuel, un lien vécu au présent éternel: l'histoire, une représentation du passé (Nora, 1997).

Da análise comparativa entre memória e história, Pierre Nora fala-nos sobre o significado e importância dos lugares de memória (que podem ter carácter material, simbólico e funcional), conceito que surge como consequência da desritualização da sociedade e do consequente esquecimento da história, da tendência crescente da sociedade em valorizar o novo sobre o velho, o presente sobre o passado. Para que o passado não seja esquecido é necessária a vontade da população para que a história preserve a memória.

Le temps des lieux, c'est ce moment précis où un immense capital que nous vivons dans l'intimité d'une mémoire disparaît pour ne plus vivre que sous le regard d'une histoire reconstituée. Approfondissement décisif du travail de l'histoire, d'un côté, avènement d'un héritage consolidé, de l'autre. (...)

Les lieux de mémoire, ce sont d'abord les restes. La forme extrême où subsiste une conscience commémorative dans une histoire qui l'appelle, parce qu'elle ignore. C'est la déritualisation de notre monde qui fait apparaître la notion. Ce que secrète, dresse, établit, construit, décrète, entretient par l'artifice et par la volonté d'une collectivité fondamentalement entraînée dans sa transformation et son renouvellement.

(...) Ils sont lieux, en effet, dans les trois sens du mot, matériel, symbolique et fonctionnel...les trois aspects coexistent toujours... Ce qui les constitue est un jeu de la mémoire et de l'histoire, une interaction de deux facteurs qui aboutit à leur surdétermination réciproque. Au départ, il faut qu'il y ait volonté de mémoire (Nora, 1997).

À educação patrimonial é atribuída a função de sensibilizar os jovens para os testemunhos que vêm do passado e que expressam a vivência económica, social e cultural dos seus antecessores. Esta vivência constitui a história local e as memórias identitárias que devem ser salvaguardadas através da prevenção, da conservação, da

reabilitação e da prática de uma cidadania activa de defesa pelo património, para transmissão às gerações futuras.

A educação patrimonial constitui, pois, um meio de aprendizagem, de conhecimento, de compreensão e de integração no meio, um meio facilitador da valorização e apropriação do património e da herança cultural em geral.

Para Paulo Freire a educação patrimonial constitui uma ferramenta de “alfabetização cultural” que mune os indivíduos de capacidade para compreender a sua identidade cultural e reconhecer, de forma mais consciente, os seus valores e a sua memória pessoal e colectiva (Freire, 2003).

A Educação formal, não formal e informal

A educação para o património é promovida pela educação formal (da responsabilidade da escola), pela educação não formal (veiculada pelos museus, bibliotecas e arquivos, ...) e pela educação informal (accionada pela imprensa local, internet, ...).

O sistema educativo do ensino básico está organizado de forma a desenvolver no indivíduo a identidade nacional pela consciencialização do património cultural do povo português, e tem como objectivos desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, da língua, da história e da cultura portuguesas, assim como promover o respeito e a valorização dos diferentes saberes e culturas (Lei de Bases do Sistema Educativo).

No espaço escolar, o docente ou educador procura cumprir o currículo, na sua vertente teórica, mas serve-se dos espaços não formais de educação, como os museus, as bibliotecas e arquivos para possibilitar ao aluno a observação e experiência directa com os testemunhos da história local. O desenvolvimento de actividades que articulam a teoria (currículo) e a prática (visitas de estudo, trabalhos de pesquisa, realização de inquéritos e entrevistas), aproxima o educando do ambiente que o rodeia e torna significantes os bens patrimoniais, materiais e imateriais, onde se incluem estruturas, equipamentos e objectos visíveis ao olhar, mas também relatos de tradição oral, técnicas, saberes-fazer que se mantiveram ao longo dos tempos e perduram na memória individual e colectiva.

Os museus, enquanto espaços de educação não formal, têm a função de aproximar o público dos testemunhos culturais que expõem. Além do darem a conhecer e difundir o património, os museus têm, cada vez mais, o objectivo de accionar mecanismos de comunicação que suscitem empatia, análise e responsabilização pelos objectos patrimoniais. Neste sentido, Lúcia Rico Cano e Rosa Maria Ávila Ruiz, referem:

(...) difundir não es únicamente comunicar la información inherente a un objecto o a un lugar, es además, estimular, hacer reflexionar provocar emociones y comprometer a la sociedad para que desde las instituciones públicas o privadas acerquen el patrimonio a los ciudadanos Rico y Ávila (Cano e Ruiz, 2003).

As bibliotecas locais e a biblioteca escolar têm também o papel de promover o conhecimento do património pela importância que este tem para a compreensão do meio e da sua história. Os educadores, por sua vez, têm o dever de utilizar e ensinar a utilizar a informação disponibilizada e de proporcionar o desenvolvimento de competências próprias do método de investigação, como a pesquisa, a selecção, a organização e o tratamento da informação, procurando motivar os seus alunos para o estudo do meio a que pertencem e estabelecer uma ligação entre os seus interesses e vivências pessoais com os currículos nacionais. É através desta articulação entre os programas curriculares e os saberes e referências dos alunos que se torna possível desenvolver um processo de ensino e aprendizagem mais efectivo e significativo para os alunos.

Os arquivos da região são também detentores de manuscritos e obras impressas essenciais à investigação sobre o património da região e devem ser a base ou o complemento do trabalho de investigação que os educadores organizam com os seus alunos, sobretudo no ensino secundário e superior. A linguagem arcaica de alguma documentação existente nos arquivos não torna fácil a consulta aos alunos de todas as faixas etárias, pelo que é necessário um cuidado prévio por parte dos docentes na programação das suas actividades e nos recursos e estratégias a adequar ao público-alvo, assim como por parte dos técnicos que se encontram nestes serviços, que devem ter a formação e sensibilidade necessárias em facultar a documentação que se ajuste às características dos utentes, porquanto a dificuldade de compreensão e interpretação do acervo documental poderá ser um factor de desmotivação e desinteresse, ao invés da aproximação desejada ao património manuscrito e impresso.

Considera-se igualmente importante a aprendizagem informal proporcionada pela imprensa local e por sites e blogs da internet referentes à região, pela informação que fornecem sobre as actividades culturais locais e por constituírem formas de reforço da consciência patrimonial e de integração social, assim como de incentivo à participação cívica na defesa e protecção do património.

Reconhecendo que a educação formal, não formal e informal têm um papel fundamental no processo de ensino – aprendizagem sobre o património local, a articulação entre os diferentes tipos de educação permitirá uma abordagem mais abrangente e mais efectiva do património e da história local. Ao utilizar o património industrial como recurso educativo torna-se, pois, imprescindível estabelecer a ponte entre a escola e todos os meios culturais locais que proporcionem o estudo, o conhecimento e a apropriação simbólica dos testemunhos patrimoniais que constituem referências de identidade significativas para a região e para a sua população.

▫ Definição de conceitos

Neste subtema definem-se alguns conceitos que serão referenciados ao longo do trabalho.

Património – O termo património tem origem no latim (*patrimonium*) e significa os bens que herdámos dos nossos pais ou avós. Para Hernández e Tresserras, Património são os bens que possuímos ou herdámos dos nossos antecessores e que transmitimos por herança. Esses bens podem ser materiais ou imateriais, tangíveis ou intangíveis:

[...]se trata fundamentalmente de objectos materiales como una casa, unos libros, unos utensílios o un trozo de tierra. De forma parecida podemos referirnos a derechos y obligaciones, es decir, a cosas menos tangibles. Incluso podemos hablar de patrimonio en un sentido menos materialista, más abstracto o más espiritual (Hernández e Tresserras, 2001).

Martínez refere-se a vários tipos de património – histórico, histórico-artístico, etnográfico, arqueológico, documental, industrial... – como diferentes designações de uma mesma realidade, ou seja, ”as manifestações e testemunhos significativos da civilização humana” (Martínez, 1996).

Em 1972, a Unesco, na Convenção sobre a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, assinada em Paris, criou a Lista do Património Mundial, no tratado com o mesmo nome, com o propósito de identificar os bens culturais e naturais de “extraordinário valor universal”. A definição de património cultural estabelecia três categorias: monumentos, conjuntos e lugares, entendendo-se os últimos como as obras conjuntas do homem e da natureza.

Em 1998, no terceiro objectivo da Conferência Intergovernamental sobre políticas culturais para o desenvolvimento, celebrada em Estocolmo, a Unesco renova a definição tradicional de património que passa a ser entendido como todos os elementos naturais e culturais, tangíveis e intangíveis, que são herdados ou criados recentemente.

Património Cultural – Por património cultural pode entender-se os bens e valores culturais que constituem a propriedade real ou simbólica de um grupo,

caracterizam um determinado contexto e contribuem para a formação da identidade individual e colectiva (Merillas, 2003).

César Uzcátegui acrescenta à definição do conceito de património cultural uma noção aberta à mudança e à mobilidade:

Entendemos el patrimonio cultural como el conjunto de bienes tangibles e intangibles que reflejan una herencia cultural de un pueblo, etnia y/o grupo social, lo qual determina un sentido de pertenencia a sus distintas producciones e imaginários simbólicos [...]. Le adjudicamos a este concepto un significado abierto [...] donde la noción de cambio y movilidad juegan un papel importante en la definición de los procesos y fenómenos culturais (Uzcátegui, 2001).

Arqueologia – Na Grécia antiga, os conceitos de arqueologia e história confundiam-se. No Renascimento, devido ao interesse neste período pela Antiguidade Clássica, a arqueologia dizia respeito essencialmente à história antiga, em especial a do mundo greco-romano. É no século XVII que surge um conceito de arqueologia aproximado ao dos nossos dias, ou seja, o “conhecimento de vestígios materiais”, passando a ter alguma independência relativamente à História. É dada maior importância ao estudo da cultura material, que está na base da *nova arqueologia*, e é alargado o objecto do seu estudo às épocas medieval, moderna e contemporânea. Em meados do século XX, a arqueologia ramifica-se e deixou de dar primazia à arqueologia clássica. Surgem várias áreas de objecto da arqueologia, como por exemplo a arqueologia industrial, também designada por arqueologia do mundo moderno e contemporâneo (Mendes, 1991).

Património Industrial e Arqueologia Industrial – Os dois conceitos são definidos em conjunto pela interligação existente entre eles.

Pode dizer-se que o património industrial existe há milénios, desde que o homem começou a transformar as matérias-primas e a deixar vestígios dessa actividade. No entanto, o conceito de património industrial é atribuído sobretudo ao século XX.

Antes do século XX, e concretamente em 1896, Sousa Viterbo no artigo publicado n’*O Archeologo Português* – “Archeologia industrial Portuguesa. Os moinhos”, enaltece o valor do património industrial e a pertinência do estudo da evolução da indústria, pelo valor didáctico que apresenta, e propõe a utilização do termo “arqueologia industrial”. Contudo, é após a Segunda Guerra Mundial, a partir dos anos

de 1950/1960, e devido à destruição de inúmeras fábricas, que se valoriza o objecto da arqueologia industrial, ou seja, o património industrial. A partir de então surgiram associações de defesa desse património, fez-se investigação, foram criadas revistas especializadas e publicaram-se obras (Mendes, 2006).

Em Portugal, as preocupações relativas ao mundo industrial surgiram cerca de 1980 e a expressão *arqueologia industrial* começou a divulgar-se através de exposições e de primeiros estudos de carácter científico.

Constitui objecto de estudo do património industrial os vestígios deixados pelas indústrias e incluem-se obras públicas, transportes, infra-estruturas comerciais e portuárias, habitações operárias, etc. “Cada universo industrial tem a sua especificidade. Os processos de produção, a maquinaria utilizada (...) divergem de acordo com a respectiva área de laboração, havendo similitudes nas diversas forças motrizes empregues ao longo do tempo (IGESPAR, s/d)”.

Educação Patrimonial – A educação patrimonial é o meio de transmitir às gerações vindouras todo o património do género humano herdado das gerações passadas. (Cañellas, 1998). Todavia, o presente também faz parte do património e da educação patrimonial, podendo incluir-se não apenas os bens herdados, mas também os adquiridos que se querem manter e conservar por lhes ser atribuído valor ou serem considerados como um valor em si mesmo (Cañellas, 1998). Esses bens que constituem objecto da educação patrimonial podem pertencer à realidade cultural e natural, ou seja, ao meio sociocultural e biológico-natural que enforma o ambiente humano (Cañellas, 1998).

A perspectiva de património cultural e natural, leva a abordar a educação patrimonial de diferentes maneiras: na perspectiva das ciências humanas e sociais – educação patrimonial na dimensão cultural – e na perspectiva das ciências naturais e experimentais – educação patrimonial na dimensão natural. Cultura e natureza são realidades diferentes pelo que, do ponto de vista da educação, requerem intervenções diferentes e referem-se a corpos disciplinares de um perfil científico distinto.

Educação formal – Por educação formal entende-se a actividade educativa intencional que é exercida nas escolas, de forma sistemática e estruturada, e que conduz à obtenção de títulos académicos oficiais. (Sarramona, 2000). A educação formal associa-se a instituições de ensino tradicional – escolas e universidades – e centra-se na

figura do professor e do aluno. “Ao sistema educativo formal estão normalmente associadas várias etapas de desenvolvimento (anos académicos), devidamente graduadas e avaliadas quantitativamente; estes anos académicos organizam-se por disciplinas e a cada uma delas estão associados programas curriculares gerais aprovados e reconhecidos pelos órgãos competentes. Até um determinado nível, a educação formal (o ensino) é obrigatória” (Pinto, 2005).

Educação não formal – Incluem-se as actividades educativas organizadas, estruturadas e realizadas fora do ensino formal, podendo ser complementares deste. Sobre o ensino não formal, Pinto refere que apesar “de não ter um currículo único não significa que não seja um processo de aprendizagem estruturado, baseado na identificação de objectivos educativos, com formatos de avaliação efectivos e actividades preparadas e implementadas por educadores altamente qualificados” (Pinto, 2005).

No contexto do presente trabalho, destacam-se como espaços de educação não formal os museus, as bibliotecas e os arquivos.

Educação informal – Neste tipo de educação a aprendizagem que não é necessariamente intencional, organizada ou sistematizada, mas que tem um efeito educativo. Inclui tudo o que um indivíduo aprende no contacto com os outros, com as leituras que efectua, com os programas televisivos que vê, com os sites da internet que consulta ou com as vivências que experiênciam no quotidiano.

▫ Limites da pesquisa

O presente trabalho tem subjacentes três factores que se interligam: património industrial da Covilhã, educação patrimonial e meios de educação formal, não formal e informal.

A escolha do património industrial como recurso educativo deve-se à importância da actividade dos lanifícios da Covilhã desde tempos imemoriais (Silva, 1996). Todavia, a perda do vigor económico da indústria têxtil na região da serra da Estrela, verificada a partir do último quartel do século XX, levou ao encerramento de muitas fábricas e ao abandono de estruturas, máquinas e equipamentos deixados quer nas unidades fabris, quer ao ar livre, espalhados por diversos pontos de antiga concentração industrial da cidade. Estes testemunhos de arqueologia industrial, a que acresce palacetes e bairros operários, referências toponímicas de ruas e lugares e nomes de famílias comprovadamente ligados aos têxteis, histórias e saberes-fazer de um elevado número de habitantes da Covilhã que outrora se dedicaram à indústria dos lanifícios, perduram no presente como legado de uma herança que se impôs, reflexo de vivências pessoais e colectivas e de uma cultura industrial milenar que enforma a memória identitária da população local.

A educação para o património visa, no contexto deste trabalho, consciencializar e reforçar nos indivíduos, e nas crianças e jovens em particular, o significado dos testemunhos da cultura industrial, o desenvolvimento de competências cognitivas e atitudinais que fomentem o conhecimento, o interesse e o respeito pelos testemunhos da história local e a sensibilização para a necessidade de os cuidar e salvaguardar para usufruto do presente e do futuro.

Tendo como referência as finalidades da educação patrimonial e a importância do Património industrial para a Covilhã e para os seus habitantes, foram realizadas actividades de reconhecimento, compreensão e valorização do património industrial local com turmas de 2º ciclo – 5º e 6º anos de escolaridade – da Escola Básica Integrada de S. Domingos, da Covilhã. Desta actividade fez parte uma visita de estudo pelo património histórico-cultural local, onde se incluiu uma ida ao Museu de Lanifícios da Covilhã (MUSLAN), um museu *in situ*, outrora Real Fábrica de Panos, mandada construir pelo Marquês de Pombal.

Para aferir a noção e a importância que os alunos dão ao património, e particularmente ao património industrial, foram aplicados dois questionários, um antes e outro após a Visita de Estudo. O segundo questionário pretendeu verificar se o contacto directo com o património local provocava uma alteração no conceito de património e na percepção dos alunos sobre a diversidade dos testemunhos patrimoniais, constatar se o património industrial era incluído no leque de exemplos patrimoniais da localidade/região e estimar a importância dada ao Património como herança cultural a legar às gerações futuras.

Parte I – Caracterização geográfica e histórica do Património Industrial da Covilhã

▫ Contextualização geográfica

Percorrer as fábricas da Covilhã é andar pela cidade e subir e descer as ribeiras. A montante ou a jusante das fábricas encontram-se sempre elementos na paisagem que nos remetem para o labor da lã. A par das estruturas técnicas que conduzem a água às fábricas observam-se, ainda, râmolas ao sol, os estendedouros ou escassas habitações operárias, caso estejamos nas ribeiras. No centro da cidade, ao lado das oficinas, dos edifícios de tecelagem ou das fábricas, instalaram-se os operários, os tecelões e também os empresários, cujas habitações se destacam pelo cuidado formal expresso. (Folgado, 2009).

A cidade da Covilhã situa-se na encosta oriental da serra da Estrela, a montanha de maior altitude de Portugal Continental (1993 m). O concelho, com uma área de 55 280 ha, está limitado pelos concelhos de Belmonte e Fundão, respectivamente a leste e a sul, tendo a ocidente o distrito de Coimbra e o da Guarda a ocidente e a norte. Localiza-se na região centro de Portugal, na Beira Interior, na sub-região da Cova da Beira, uma depressão que integra a bacia hidrográfica do alto Zêzere (Pinheiro, 1997).

A localização da Covilhã na serra da Estrela propiciou as condições naturais necessárias ao desenvolvimento dos lanifícios. A montanha forneceu ao gado pastos naturais, foi ponto de encontro de trajectos de transumância nacional e peninsular, ofereceu água abundante e de boa qualidade e forneceu a lenha das suas matas, permitindo a alguns núcleos urbanos à sua volta, entre os quais a Covilhã, a especialização no trabalho do fio e dos panos (Pinheiro, 1997).

A cultura da lã abrangeu no território português uma vasta região que incluía a serra da Estrela, Alto Alentejo, região da Guarda e toda a área raiana. No tempo do Marquês de Pombal, foi demarcada a região das “*Três Comarcas da Superintendência dos Lanifícios*” que correspondia a uma região situada entre Castelo Branco e Pinhel (Folgado, 2009).

Dois ribeiras, a Carpinteira e a Goldra, delimitavam a cidade e forneciam a água necessária às lavagens e tratamento das lãs, assim como ao fornecimento de energia hidráulica, essencial ao desenvolvimento manufactureiro. Por este motivo, é junto aos

dois cursos de água que se concentram os oblongos edifícios fabris com as suas altas chaminés, assim como outras estruturas coadjuvantes necessárias ao processo produtivo – rodas hidráulicas, represas, levadas, condutas, tanques, lavadouros, râmolas de sol, estendedouros – conferindo às duas zonas da cidade uma paisagem e uma atmosfera peculiares.

Enquanto as actividades que exigiam a utilização de água, como a pisoagem e o tingimento, se concentravam junto às ribeiras, outras tarefas, como a fiação e a tecelagem, que não necessitavam de água para a sua prática, realizavam-se em casas e oficinas no actual centro histórico, à volta do antigo castelo (Folgado, 2009).

No último quartel do século XX, apesar da crise verificada nos lanifícios, e do conseqüente encerramento de numerosas fábricas ou reafecção a outros usos, as unidades fabris existentes distribuía-se por três áreas: centro histórico, ribeira da Carpinteira e Ribeira da Goldra.

Cada empresa tinha um número variável de edifícios dispersos pela cidade e organizava-se em oficinas que se dedicavam a algumas actividades produtivas que se complementavam. Estas particularidades, que reflectem a organização segmentada da produção dos lanifícios da Covilhã, tornaram a cidade numa enorme fábrica “Um organismo vivo vocacionado para a actividade dos lanifícios (Folgado, 2009)”.

▫ A importância do Património Industrial na cidade da Covilhã

A história dos lanifícios da Covilhã está intimamente ligada à história da região. Apesar de não se poder apontar uma data concreta para o aparecimento do trabalho da lã e dos tecidos, há referências documentais que apontam o início desta actividade para um período anterior à monarquia. Viriato, chefe dos Lusitanos, fora pastor nos montes Hermínios. Também o Foral concedido por D. Sancho I à vila da Covilhã, em 1186, demonstra a importância da criação de ovelhas para a região: "O gado de Covilhã não pagará o tributo de pasto em terra alguma... (Isidoro, 1988)".

Gil Vicente, escritor dos séculos XV e XVI, faz referência à Serra da Estrela na sua obra, nomeadamente na *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela*, escrita em 1527, onde fala dos panos finos da Covilhã.¹

Em 1573, no reinado de D. Sebastião, é fundada a Fábrica d'El Rei, no lado norte da ribeira da Carpinteira. Nesta fábrica fabricaram-se os primeiros padrões para as outras fábricas têxteis do reino. No mesmo ano, o rei passou uma certidão desses padrões à Câmara Municipal, para que aí ficassem "em arquivo e boa guarda (Silva, 1996)" e foi criado o primeiro regimento de panos, com o objectivo de regulamentar a actividade de fabrico e negócio dos panos (Silva, 1996).

No relatório pombalino de 1758 sobre as fábricas da Covilhã, há referência a "uma grande casa" no lado norte na Ribeira da Carpinteira, a fábrica d'El rei, fundada em 1671 por D. Pedro II, aquando das medidas encetadas pelo seu ministro Conde da Ericeira, D. Luís de Menezes, para fomentar a indústria têxtil. Entre estas medidas, conta-se o incentivo à criação de fábricas de lanifícios e a contratação de especialistas estrangeiros.

Antes das reformas do Marquês de Pombal, em 1758, a indústria da Covilhã estava decadente devido, em grande parte, à falta de competitividade face à indústria inglesa. Seguindo uma política proteccionista, o Marquês investiu no desenvolvimento das manufacturas das lãs e tecidos, funda a Real Fábrica de Panos e contrata técnicos estrangeiros. Segue-se um período de prosperidade que seria travado mais tarde, nos inícios do século XIX, com as invasões napoleónicas.

¹ "Mandarà a vila de Seia/Quinhentos queijos recentes, / Todos feitos à candeia, / E mais trezentas bezerras/, E mil ovelhas meirinhas (...) E Manteigas lhe trará / Leite para quatorze anos. / E Covilhã muitos panos/finos que se fazem lá" (Silva, 1996).

Apesar dos invasores franceses não terem entrado na Covilhã, a indústria sofreu com a crise económica que começa então a grassar no reino. Também o tratado de comércio entre Portugal e Inglaterra, assinado em 1810, que liberalizava a entrada de tecidos ingleses em Portugal, prejudicou igualmente a manufactura dos lanifícios.

No século XIX, a indústria têxtil desenvolvia-se de forma pulverizada sobretudo em dois grandes núcleos: ribeira de Goldra e ribeira da Carpinteira. A liberalização do comércio e da indústria iniciada com D. Maria I foi acentuada com a revolução de 1820. Em 1822, deixa de existir a Casa do Vinte e Quatro, que correspondia à Corporação das Artes e Ofícios, ao mesmo tempo que terminava a tutela das comarcas e da Real Junta sobre o comércio e a indústria local. Sem este proteccionismo, que lhes concediam crédito, as fábricas entraram em crise. O aparecimento dos bancos e o associativismo – associações comerciais, mutualistas, grémios, clubes – suportaram e fomentaram o comércio e a indústria. Segue-se um período de progresso e assiste-se a um aumento de produção. Por esta altura havia 35 fábricas principais, onde trabalhavam 3800 operários, e uma pequena indústria que empregava a grande parte da população. Duas empresas tinham máquina a vapor – a Fábrica Velha, onde foi utilizada a primeira roda hidráulica, e a Companhia Nacional de Lanifícios, fundada pelo comendador Valério Gomes Correia (Silva, 1996).

No século XX, o período alto da indústria na Covilhã coincidiu com as guerras europeias. Após este período, outros países da Europa apostaram forte na recuperação e modernização, a competitividade aumentou e Portugal perdeu espaço no mercado, sucedendo-se uma crise económica. Após a revolução de Abril, a queda de alguns mercados, nomeadamente das ex-colónias, onde algumas empresas tinham apostado em força, acentuou a crise industrial. No último quartel do século XX devido a uma reconversão da indústria, sobreviveram apenas as fábricas que tinham maior capacidade. Contudo, no início século XXI, apesar de várias crises que se sucederam, a indústria estava a produzir mais do que no final do século XIX, início do XX. A partir deste período, tem se verificado uma desindustrialização que, segundo Elisa Pinheiro, “não deverá ser considerada uma tragédia se se entrar numa linha de transformação para serviços dentro da mesma área. Há conhecimentos acumulados e uma tradição importante que não se pode perder”.²

² Luís Nave, “O fio Que Tece a História da Cidade da Covilhã”, (21 de Fevereiro de 2003.), *Jornal do Fundão*, Fundão.

A estrutura industrial na região da serra da Estrela caracterizou – se por uma organização produtiva segmentada, incluindo-se nas unidades industriais pequenas oficinas e trabalho ao domicílio. Não havia muitas fábricas completas, que desenvolvessem todas as actividades desde o tratamento da lã até ao acabamento final dos tecidos (Pereira, 1998). O número de fábricas completas oscilou ao longo do século XIX. Em 1881, existiam na Covilhã 17 fábricas completas. Tratava-se de antigas oficinas que alargaram a sua actividade, ou de casos em que mercadores-fabricantes adquiriram fábricas completas. No entanto continuavam a ser mais numerosas as pequenas e médias unidades industriais, que eram essencialmente oficinas especializadas que desempenhavam uma ou duas fases da produção. A segmentação da produção industrial determinou relações inter-fabris de tipo vertical, “através da mediação de mercadores-fabricantes ou produzindo directamente para as fábricas completas de forma supletiva; horizontal, entre pequenos produtores (Pereira, 1998)”. A segmentação da organização industrial esteve ligada a uma forte mobilidade social e constituiu na Covilhã uma «grande «fábrica colectiva» (Pereira, 1998)”.

O reflexo da crise e da reconversão económica no último quartel do século XX tornou-se visível no encerramento de numerosas fábricas. Pela cidade, sobretudo nas margens das ribeiras da Carpinteira e da Goldra, sucederam-se os edifícios fabris abandonados e em ruínas. Outros tiveram melhor sorte e foram recuperados pela Universidade da Beira Interior.

Françoise Choay levanta duas questões quanto à reconversão do património industrial: a preservação histórica ou do “valor documental” dos edifícios reafectados e o “valor afectivo da memória”.

A herança industrial desafectada coloca dois tipos de questões, de natureza e escalas diferentes. Por um lado, os edifícios individuais, frequentemente de construção sólida, sóbria e de fácil manutenção, são facilmente adaptáveis às normas de utilização actuais e prestam-se a utilizações, públicas e privadas, múltiplas”. (...) “ [Esta] reconversão dos edifícios, pertencendo alguns à história da técnica, depende quer de uma conservação histórica, quer de uma saudável economia logística. Em contrapartida, estas marcas anacrónicas [da actividade industrial] (...) possuem, antes de mais, um valor afectivo de memória para aqueles para quem, desde há gerações, eles eram o território e o horizonte e que procuram não ser delas desapossados. Para os outros, eles têm um valor documental sobre uma fase da civilização industrial (Choay, 2000).

A Universidade da Beira Interior tem vindo a construir um património imóvel assente nas antigas fábricas e destaca-se a sua acção na reabilitação e salvaguarda do Património industrial da cidade. A maioria das unidades fabris é constituída por grandes espaços que possibilitaram uma reconversão fácil aos destinos académicos e a atribuição, por consequência, de novos significados na vivência quotidiana. Contudo, o respeito pelas características formais exteriores dos edifícios e por alguns materiais de origem, contribuiu para manter o carácter documental dos testemunhos da antiga indústria de lanifícios para reforço da memória e a identidade colectivas.

Entre os edifícios recuperados e utilizados pela Universidade são de referir a Real Fábrica dos Panos da Covilhã, a Fábrica Ernesto Cruz e a Empresa Transformadora de Lãs, onde funcionam, respectivamente o Pólo I, o Pólo IV e o Bloco das Engenharias.

O património industrial gera uma paisagem com características próprias, distinguindo a cidade da Covilhã no contexto nacional. E tão importante quanto o impacto visual suscitado pelas numerosas fábricas e as suas chaminés, são as memórias que perduram e que devem ser preservadas e transmitidas às gerações futuras, pela identidade e coesão que conferem às gentes da região. Memórias de industriais e operários que dedicaram a sua vida à actividade fabril e que reflectem a importância dos testemunhos físicos e simbólicos de uma cultura industrial milenar.

Durante séculos, o trabalho dos lanifícios dominou a economia da Covilhã e da região envolvente. As crianças iam trabalhar muito pequenas para a fábrica e para a maioria não se vislumbrava outro ofício senão o trabalho dos lanifícios.³

Na fábrica, as crianças iam aprendendo progressivamente várias tarefas, mas eram necessários conhecimentos específicos que permitissem o seu desempenho em determinadas fases da produção. Esses conhecimentos iam passando de geração em geração e eram actualizados e transmitidos por técnicos especializados que vieram para a Covilhã em diversas épocas de desenvolvimento manufactureiro. Nos finais do século

³ Luís Nave, jornalista do *Jornal do Fundão*, numa entrevista a Francisco Trindade, “o mestre” relata: “Muito cedo, aos 10 anos, pisou o chão de uma fábrica pela primeira vez (...) O destino há muito que estava traçado, como sempre esteve traçado o destino dos rapazes e raparigas da Covilhã e do concelho: trabalhar nos lanifícios. Nos anos 30, as opções de trabalho não eram muitas e a prosperidade da indústria na cidade atraía gente de todo o lado””, in “A Indústria Mais Linda”, (21 de Fevereiro de 2003), *Jornal do Fundão*.

XIX, mais precisamente a 3 de Janeiro de 1884, foi criada a Escola Industrial da Covilhã, hoje Escola Campos Melo, por José Maria Veiga da Silva Campos Melo, que visava suprir as necessidades de formação de técnicos industriais. Muitos empresários e operários da indústria têxtil da Covilhã passaram por esta escola.⁴

Foi a partir da década de oitenta do século XX, quando se iniciou uma reconversão industrial e a terciarização da cidade, que passou a valorizar-se os testemunhos da cultura industrial dos lanifícios. A partir de então, começou a ser estudada a arqueologia industrial da Covilhã e a cidade foi considerada como um “centro histórico dos lanifícios portugueses” (Pinheiro, 1997). A realização de uma exposição fotográfica sobre a “Arqueologia Industrial da Covilhã”, em 1982, por iniciativa da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural da Covilhã divulgou pela primeira vez um importante conjunto de bens móveis e imóveis do património industrial e o público foi sensibilizado para a perda de equipamentos existentes em fábricas que se encontravam em fase de encerramento (Pinheiro, 1997).

A tomada de consciência da importância do património industrial da Covilhã levou à assinatura de um protocolo entre o IPPAR e a Universidade da Beira Interior com vista à elaboração de um inventário dos testemunhos materiais da actividade dos lanifícios.

O processo de inventariação pretendia ir mais além do levantamento material. Procurava igualmente a salvaguarda dos vestígios e das memórias de uma cultura que se constituiu ao longo dos tempos e que se revestia de importância não só para a história da indústria da Covilhã como também para a história da indústria em Portugal. (Folgado, 2001).

A própria história da cidade da Covilhã é paralela à história da actividade industrial dos lanifícios e das actividades subsidiárias. E foi esta mono-industrialização que condicionou e determinou a peculiaridade da cidade ao nível das técnicas industriais, dos edifícios fabris e da habitação operária e empresarial.

⁴ Segundo o decreto que regulava as escolas industriais, este tipo de ensino deveria ser ministrado em cursos bienais, de modo prático e tanto quanto possível experimental. Além da disciplina de desenho, houve contabilidade industrial, aritmética, geometria elementar e química industrial. Com o passar dos anos, a variedade dos cursos aumentou e a escola perdeu a designação de Industrial para ganhar o nome do fundador: Campos Melo (Luís Nave, “Escola de Mestres e Tecelões”, (21 de Fevereiro de 2003.), *Jornal do Fundão*, Fundão).

Organismos internacionais como a UNESCO, o ICOMOS e o Conselho da Europa têm insistido em regras cada vez mais abrangentes que permitem uma concepção mais alargada da noção de monumento. Considera-se monumento não apenas o edifício esteticamente excepcional, mas também os conjuntos, os sítios, as paisagens e as áreas, numa vontade de preservar o sentido e a significância dos locais. Esta democratização do património tem visado integrar categorias menos clássicas, como o património industrial e o seu património integrado, incluindo-se as máquinas operadoras, motores energéticos, ferramentas, râmolas de sol, condutas, tanques e represas, arquivos de empresa que reflectem a diversidade e a especificidade dos testemunhos, a evolução de técnicas, da cultura e das mentalidades.

Na Covilhã, os edifícios produtivos não se caracterizam pela grandiosidade, com excepção para a Real Fábrica de Panos, a Fábrica Velha – Campos Mello & Irmão ou a Nova Penteação a Fiação de Lãs. O que torna peculiar o património industrial em estudo e lhe confere valor histórico e cultural “não é a obra-prima isolada, resultante de uma genialidade individual ou conjuntural” (Folgado, 2002), mas o conjunto fabril edificado nas margens da Carpinteira e da Goldra, com os condicionalismos naturais que permitiram o seu florescimento e as técnicas e equipamentos construídos ao longo dos séculos, fruto da persistência de uma população que quis singrar e ultrapassar obstáculos. A arquitectura industrial deve ser entendida neste contexto como uma “uma criação colectiva do espaço vivido, de gerações e de vontades [...]” (Folgado, 2002).

Parte II – O património industrial da Covilhã como recurso educativo em contexto formal, não formal e informal de educação

Toda e qualquer pessoa defende a própria existência, as suas crenças e valores, a sua linguagem e os seus hábitos, os objectos e instrumentos que pela sua utilidade e significado são como parte de si mesma: perder estes elementos significa perder, no todo ou em parte, a própria identidade. (...) Por isso, defender o património é o gesto natural de defender a própria existência: o futuro está dependente dessa defesa. Sem isso é muito difícil a integração social, e muito problemático o seu futuro, pois não há identificação que permita assumir progressivamente uma atitude autónoma e criativa. (...) também às regiões e populações locais importa conhecer a própria história e geografia, conhecer os recursos e a sua utilização, os valores, os costumes e os hábitos que regeram e regem a vida local, para poder assumir o próprio destino (Ferreira, 1993).

José Ferreira reconhece o património como um conjunto de elementos materiais e imateriais, físicos e simbólicos com os quais se identifica uma população. Defender esse património é defender a existência dessa população, é criar condições para gerir o presente e projectar o futuro. O esquecimento do património significa a perda das referências identitárias que o constituem, pelo que é tão relevante a promoção do conhecimento e a defesa do Património para usufruto no presente e transmissão ao futuro.

O património industrial imóvel da Covilhã é uma nota dominante na paisagem da cidade e reflecte uma vivência económica, social e cultural intimamente relacionada com a actividade dos lanifícios. Contudo, para as camadas mais jovens, afastadas do período de domínio industrial, os testemunhos industriais encontram-se desprovidos de memória e significado, sendo ténue o elo de ligação entre o passado e o presente. Para inverter este afastamento e estabelecer uma aproximação entre os jovens e o património, valorizando o ambiente físico e simbólico a que pertencem, é necessário proceder-se a um investimento na educação patrimonial, dando a conhecer o protagonismo desempenhado pelos lanifícios na economia, na sociedade e cultura local, contextualizando-o no universo mais alargado da história do país e do mundo.

Além do conhecimento e compreensão da importância da história e do património local, a educação patrimonial propicia o desenvolvimento do sentimento de

pertença e a apropriação do património, afirma a sua singularidade face a outros patrimónios, reforça a identidade e a alteridade face a outras comunidades e promove o respeito por outros patrimónios e manifestações culturais.

A educação patrimonial deve ser entendida como um processo de ensino e aprendizagem do património a desenvolver ao longo da vida, dirigindo-se a públicos de diferentes faixas etárias, diferentes interesses e diferentes formações académicas, fomentando a aquisição de competências cognitivas e atitudinais que potenciem a consciencialização patrimonial. Fomentar o gosto pela descoberta e pela fruição do património através do desenvolvimento de hábitos culturais e da educação patrimonial, enraiza sentimentos de pertença, afinidade e identificação e suscita a responsabilidade de cuidar e preservar os testemunhos construídos pelo homem no passado e no presente

José Ferreira destaca o papel permanente da educação na defesa do património, accionado por mecanismos formais – a escola – e não formais – organizações e instituições que têm como função promover o conhecimento e a divulgação do Património:

[A] *acção de educação e promoção da consciência e utilização do património local*” concretiza-se “tendo, entre outros, dois elementos propulsores: um, é o sistema de instrução; outro, é um conjunto de actividades e instituições que prolonguem, expandam e renovem continuamente a acção educativa. A escola tem uma responsabilidade pela tomada de consciência, por parte dos jovens, do que é a sua terra, que valores encerra, que realidade e aspirações são as suas (...) Mas a educação, assim como a defesa e fruição do património cultural não são tarefas ou actividades reservadas para os jovens: educação é um processo que ao fim e ao cabo se identifica ou devia identificar com a própria vida. Daí falar-se em educação permanente, a qual exige a organização de pessoas e instituições que se dediquem a essa tarefa de promover o conhecimento, divulgação e utilização de valores patrimoniais, passados e presentes e por aí a criação de novas formas, novas obras, homens novos (Ferreira, 1993).

No trabalho que se apresenta, o Património, e o Património industrial em particular, será abordado em contextos de educação formal (escola), não formal (museus, bibliotecas e arquivos) e informal (imprensa e internet). Estes diferentes contextos proporcionam o contacto directo ou indirecto com o património e permitem uma articulação entre a teoria e a prática. Aliando as duas vertentes, é possível que os sujeitos aprendentes, no caso em estudo os alunos de 5º e 6º ano da Escola Básica Integrada de S. Domingos do ano de 2010/2011, tenham experiências mais reais e mais

significativas com o património, desenvolvam o sentido crítico e adoptem atitudes cívicas de participação na salvaguarda do património.

▫ Contexto formal

A escola

A educação formal é a actividade educativa intencional exercida nas escolas de forma sistemática e estruturada através de programas curriculares reconhecidos pelos órgãos competentes.

O sistema educativo está organizado para desenvolver nos cidadãos a identidade nacional através da consciencialização para o património, o respeito pela diversidade cultural, o espírito crítico, a formação para a cidadania e a participação cívica no meio comunitário.⁵

Nesta sequência de ideias, os objectivos preconizados pelo sistema educativo vão claramente no sentido de promover o conhecimento e a valorização das características identificativas do povo português “Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas” (Lei de Bases do Sistema Educativo de 30 de Agosto de 2005, art.º. 7, g)), assim como o desenvolvimento do espírito de cooperação e intervenção no meio envolvente “Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção

⁵ “Contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo de português (...); “contribuir para a realização do educando através (...) da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos (...); “Assegurar a formação cívica (...) dos jovens”; assegurar (...) (a) consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas”; “Descentralizar, desconcentrar e diversificar as estruturas e acções educativas de modo a proporcionar uma correcta adaptação às realidades, um elevado sentido de participação das populações, uma adequada inserção no meio comunitário e níveis de decisão eficientes” (Lei de Bases do Sistema Educativo de 30 de Agosto de 2005, art.º. 3).

consciente e responsável na realidade circundante” (Lei de Bases do Sistema Educativo de 30 de Agosto de 2005, art.º. 7, h)).

No ensino básico e secundário do Sistema Educativo não existe uma disciplina de Educação Patrimonial. Todavia, o programa de História nos três ciclos de escolaridade, organizado de forma a potenciar a aquisição de competências específicas que estruturam o saber histórico – Tratamento de Informação/Utilização de Fontes, Comunicação em História e Compreensão Histórica, esta consubstanciada em temporalidade, espacialidade e contextualização – proporcionam a realização de experiências de aprendizagem que permitem o estudo e o contacto real com os testemunhos patrimoniais da comunidade.

Re/descobrir o património significativo onde os alunos vivem é dar sentido ao ambiente físico e simbólico que os circunda, estabelecendo ligações entre o passado, o presente e o futuro que se projecta. A continuidade histórica que se estabelece constitui um fio condutor que reforça a identidade individual, colectiva e social, caracteriza e distingue a comunidade e as suas manifestações culturais, mas também potencia a relação de alteridade face a outras comunidades, numa perspectiva que se pretende de respeito e valorização face à diversidade patrimonial e cultural.

Na Covilhã, o património imóvel industrial é constituído por centenas de antigas fábricas, algumas abandonadas que necessitam de ser revitalizadas, outras já recuperadas que constituem espaços atribuídos a fins diversos – culturais, comerciais, de entretenimento, de restauração – mas dele também fazem parte diversas estruturas coadjuvantes no processo de produção dos lanifícios, como as râmolas de sol ou os estendedouros de secagem das lãs.

Alguns dos destinos que têm sido dados aos edifícios fabris em nada abonam a favor da valorização patrimonial já que muitas vezes é realizado um aproveitamento de espaço que não inclui a reabilitação da estrutura arquitectónica do edifício. O desenvolvimento da consciência patrimonial é fundamental para aferir da importância do património e sensibilizar os indivíduos para a sua preservação e salvaguarda. Esta consciência deve ser cultivada desde os primeiros anos de escolaridade, não só pelo desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também pela educação para o património, de forma a promover a aquisição de competências atitudinais como a consciência cívica e crítica direccionada para a preservação da cultura e património local.

Do património industrial da Covilhã também fazem parte as técnicas de fabrico da lã e dos tecidos, as energias utilizadas e uma diversidade de equipamentos,

instrumentos e materiais utilizados em diferentes épocas do processo produtivo. Referências a este património, assim como às vivências dos operários e industriais e à vida na cidade podemos encontrá-las em diferentes tipos de fontes – escritas e orais – e merecem a sua exploração no processo de ensino e aprendizagem do património por forma a aproximar e comprometer os alunos ao meio a que pertencem e que devem valorizar.

Cabe aos docentes, partindo dos programas curriculares dos diversos níveis de ensino, promover actividades significativas que envolvam as crianças e jovens com os testemunhos da cultura dos lanifícios, incentivando a fruição dos espaços patrimoniais e o contacto com as fontes. Neste processo de ensino e aprendizagem, onde os alunos têm um papel activo na descoberta do saber, potencia-se o conhecimento, a compreensão, o respeito e a valorização dos bens locais, a aquisição de hábitos culturais de usufruto e a participação cívica na preservação do património.

▫ **Contexto não formal**

O museu

Na educação não formal incluem-se as actividades educativas organizadas, estruturadas e realizadas fora do ensino formal, podendo ser complementares deste. Os museus inserem-se neste contexto de educação, e a sua função está direccionada não só para guardar, conservar e preservar o espólio patrimonial, mas também para sensibilizar e educar os diferentes públicos para a valorização e salvaguarda das manifestações culturais do passado e do presente, numa perspectiva de divulgação e responsabilização dos indivíduos pelo património e de reforço da identidade individual e colectiva. Neste âmbito, partilhamos das seguintes palavras de Manuel Joaquim Loureiro:

[Os museus] Como instituições com a responsabilidade de transmitir a história das sociedades têm um papel importantíssimo na recriação ou recuperação de identidades locais, regionais e nacionais. Têm uma grande importância na formação da identidade dos indivíduos, mostrando-lhes donde vêm, mostrando-lhes as suas raízes, as suas características mais notórias e as diferenças relativamente a outras culturas. Isto permite ao indivíduo saber quem é e ao mesmo tempo estabelecer o seu papel na construção do seu futuro (Loureiro, 1998).

A Covilhã dispõe de um museu vocacionado para a conservação e salvaguarda do património industrial. Trata-se do Museu de Lanifícios, também designado por MUSLAN. Este museu constitui uma das dependências da Universidade da Beira Interior e localiza-se na antiga Real Fábrica de Panos, fundada pelo Marquês de Pombal em 1764. Encontra-se integrado na Rede Portuguesa de Museus desde 2002 e tem por lema “Os fios do passado a tecer o futuro”, reflectindo a missão de salvaguarda e conservação activa do património industrial têxtil da região da serra da Estrela, onde se encontra territorialmente integrado⁶.

Entre as finalidades e objectivos do Museu de Lanifícios são de salientar, além da conservação do acervo museológico, a investigação científica relativa à história da indústria dos lanifícios e do património industrial, a reabilitação e a divulgação do património industrial e da cultura dos lanifícios⁷.

⁶ O Museu de Lanifícios funcionou como fábrica até 1885, altura em que foi cedido para a instalação do Regimento de Infantaria 21, seguida do batalhão de Caçadores 2, e abriu as portas a 30 de Abril de 1992. Durante as obras de reabilitação do edifício, em 1975, foram postos a descoberto importantes vestígios arqueológicos, nos quais se destaca um conjunto de fornalhas e poços cilíndricos. O espaço acabaria por ser classificado como “imóvel de interesse público”. O museu tem objectivos didácticos, mas visa antes de mais reabilitar a memória do trabalho dos lanifícios na cidade da Covilhã, no que respeita a técnicas, equipamentos e materiais. O Centro de Documentação e Arquivo histórico são duas componentes que completam o museu e importantes bases de dados para o estudo da indústria têxtil na região e está instalado no núcleo museológico da fábrica “Real Mendes Veiga”, junto à ribeira da Goldra. Este ecomuseu *in situ* é constituído por vários núcleos dispersos pela cidade, dele também fazendo parte as Râmolas de sol (Pinheiro, 1997).

⁷ Finalidades e objectivos do Museu dos Lanifícios – “Providenciar uma adequada conservação dos espólios museológico e documental à sua guarda; Promover e contribuir para o desenvolvimento da investigação científica na área da história da industrialização dos lanifícios, do património industrial, da arqueologia industrial e da indústria dos lanifícios em diversas vertentes (económica, social, tecnológica, artística e cultural); Promover e contribuir para a salvaguarda e preservação do património industrial móvel e imóvel e do património documental relacionado com a indústria de lanifícios; Contribuir para a reabilitação da memória do trabalho dos lanifícios, quer numa perspectiva local e regional - cidade da Covilhã e região da Serra da Estrela -, quer numa perspectiva nacional; Reconstituir os processos de tingimento dos panos de lã mais utilizados em Portugal, sobretudo até finais do séc. XVIII, e, ainda, as técnicas e tecnologias inerentes ao processo de industrialização dos lanifícios, particularmente no período balizado entre o séc. XIX e a 1ª metade do séc. XX; (...)”.

Fonte: <http://www.museu.ubi.pt/?cix=2997&lang=1>.

O Museu tem também uma preocupação pedagógico-educativa direccionada para os diversos níveis de ensino e que se consubstancia num programa educativo que inclui visitas de estudo orientadas, oficinas/ ateliês para compreensão dos processos técnicos do desenho e da produção têxtil, apoio à actividade escolar no âmbito de projectos que inter-relacionam o Museu-Arquivo, a escola e o meio, formação individual como factor de valorização e preservação patrimoniais futuras e apoio e orientação de estágios profissionais e curriculares nas áreas da Museologia, Arquivística, Têxtil, Conservação e Restauro.⁸

Estas actividades promovidas pelo Museu visam envolver os utentes, e as crianças e os jovens em particular, em diversas experiências que os levam a interagir com a cultura dos lanifícios e a estabelecer uma proximidade com o universo das lãs e dos tecidos, potenciando a consciencialização para a importância dos lanifícios enquanto actividade económica predominante na região até ao século XX e para o seu papel protagonista na história local.

As bibliotecas e arquivos

As bibliotecas constituem um importante centro de recursos de promoção da leitura, combate à iliteracia e de apoio ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa e investigação. Além da disponibilização do acervo documental, algum manuscrito, mas essencialmente impresso ou em suportes multimédia, as bibliotecas desenvolvem diversas actividades que pretendem interagir culturalmente com públicos de diversas faixas etárias e diferentes interesses culturais.

A generalidade das escolas do ensino básico e secundário dispõe de bibliotecas escolares integradas na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas. Dispõem de obras, manuais e uma diversidade de recursos multimédia respeitantes a diversas disciplinas que constituem os currículos formais, mas também referentes à história e cultura locais.

A Biblioteca Municipal da Covilhã desenvolve projectos de cooperação com escolas da cidade e organiza acções culturais - encontros com escritores, colóquios, exposições - utilizando todos os suportes documentais de que dispõe (livros, audiovisuais e multimédia) para envolver a população local, da mais jovem à adulta.

⁸ Fonte: <http://www.museu.ubi.pt/?cix=3007&lang=1>

Muitas das obras existentes na Biblioteca Municipal estão relacionadas com a história da região e dos lanifícios. Cabe aos técnicos que nela trabalham e aos docentes das escolas locais desenvolver projectos direccionados para a temática do património e promover o contacto dos alunos com as obras referentes à história e património locais, propiciando o conhecimento e a compreensão da cidade e da região.

A Universidade da Beira Interior dispõe de duas Bibliotecas – a Central, situada no Pólo I da universidade, e a do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, situada no Pólo Ernesto Cruz – que constituem importantes centros de recursos para os estudantes do ensino superior e também para a comunidade em geral. Nestas Bibliotecas encontramos também um importante acervo de obras relativas à história local, à história da indústria de lanifícios e à arqueologia e património industrial. Também nestas Bibliotecas devem ser desenvolvidos programas educativos que promovam a utilização do acervo documental das temáticas relacionadas com o património local, como forma de conhecimento e valorização do meio.

O Arquivo Municipal da Covilhã é constituído por vários núcleos históricos e administrativos formados durante séculos pelo município da Covilhã. Nele, os utentes podem encontrar documentação manuscrita e impressa sobre diversos domínios da vida da cidade da Covilhã no passado que possibilitam um conhecimento mais aprofundado e mais real da história local. O Arquivo Municipal, à semelhança da Biblioteca Municipal transpõe o seu papel de guardador de acervos documentais, para pôr em prática uma série de acções educativas como projectos e exposições que visam o estudo, a salvaguarda e a divulgação do património e contribuir para o resgate das memórias individuais e colectivas.

▫ **Contexto informal**

Considera-se educação em contexto informal a que não tem um carácter predominantemente intencional, organizado ou sistematizado, mas que tem um efeito educativo. Inclui as aprendizagens realizadas pelos indivíduos através da leitura, do contacto com os meios de comunicação social e a internet e das vivências que experiênciam no quotidiano.

Neste trabalho far-se-á uma breve abordagem ao papel da imprensa local e da Internet na educação para o património.

A imprensa – local e escolar

Na região da Covilhã existem alguns jornais que dão a conhecer notícias de carácter generalista sobre a cidade e as localidades que lhe são próximas. Os vários textos jornalísticos informam sobre os acontecimentos que ocorrem na região, mas também dão a conhecer estudos sobre diversos domínios, nomeadamente sobre a cultura e o património local e regional. A imprensa surge como um importante instrumento informativo, mas também como um instrumento gerador de análise e reflexão sobre os assuntos da vida local, nomeadamente sobre os testemunhos e as manifestações culturais da região. A proximidade que se estabelece entre o leitor e a informação veiculada suscita o interesse pela região, a pertença ao meio e reforça a consciência cívica de participação nos vários domínios da vida local.⁹

As escolas têm-se dado conta do papel importante da Imprensa, e do Jornal em particular, no desenvolvimento de competências cognitivas e atitudinais. Por isso, cada vez mais as escolas aderem ao projecto pedagógico de criação do seu próprio jornal para divulgarem notícias relativas à escola/agrupamento ou à localidade, e textos de cunho pessoal, artigos de opinião e reportagens. O jornal constitui uma forma de participação em várias áreas da vida quotidiana, de desenvolvimento do sentido crítico e de identificação com o meio a que pertence. Pode, como tal, constituir um importante meio de divulgação, valorização e salvaguarda do património local, nomeadamente do património industrial.¹⁰ Os docentes devem sensibilizar os alunos para a importância

⁹ Entre os jornais locais e regionais do distrito são de destacar o *Notícias da Covilhã*, o *Jornal do Fundão*, *A Gazeta do Interior* e o *Reconquista*.

¹⁰ Actualmente, muitas Escolas têm como projecto pedagógico o Jornal Escolar, por considerarem que é um instrumento de trabalho que permite o desenvolvimento de um manancial de competências, valores e atitudes – linguísticas, sentido crítico, participação cívica, envolvimento no meio, auto-estima. Alunos e docentes procuram dar a conhecer e valorizar não só aspectos da vida quotidiana da escola, como também o meio ambiente natural e patrimonial onde os alunos se inserem. Através da produção escrita, da imagem e da pesquisa de informação, a comunidade escolar tem um espaço no seu jornal para informar, divulgar e

deste património, criar laços afectivos com a cultura local, reforçar o sentimento de pertença e identidade com o meio, e apresentar o jornal como um instrumento de participação e intervenção sobre a realidade envolvente.

A internet

Existem vários sites institucionais e particulares que dão a conhecer a vida local em várias áreas - económica, social, patrimonial/cultural. Cada vez mais os cidadãos recorrem à Internet para obterem informações ocasionais, para fazer investigação ou por lazer. A internet tem a vantagem de ser um meio de informação e comunicação aliciante, com carácter interactivo, que permite aos utilizadores gerir o nível de aprofundamento de informação que pretende, tendo em conta a informação que se encontra disponibilizada, os seus interesses e as suas motivações, e possibilita a produção de informação, análise e reflexão sobre assuntos variados utilizando diversas aplicações Web (sites, blogues, redes sociais, páginas pessoais).

A internet surge, pois, como outro importante instrumento de informação e divulgação, de desenvolvimento do espírito crítico e de envolvimento e participação em vários domínios da vida quotidiana, onde se pode inclui o património e a cultura em geral.

dar opinião sobre assuntos que dizem respeito ao seu universo familiar, do bairro, da cidade ou até de escala mais alargada como o país ou o mundo.

▫ **A articulação entre os contextos formal, não formal e informal de educação**

Nos dias de hoje, cada vez mais verificamos que os três contextos de educação se articulam e complementam. Escola, museus, bibliotecas e arquivos, imprensa e internet aliam-se para promover o património e agir sobre ele.

A escola, partindo dos currículos formais, organiza projectos que incluem visitas aos monumentos e aos Museus, às Bibliotecas e Arquivos para proporcionar vivências *in loco* dos vestígios patrimoniais e o acesso às fontes directas escritas e manuscritas – fontes primárias do conhecimento.

Da mesma forma, Museus, Bibliotecas, Arquivos e Instituições culturais promovem programas educativos procurando envolver a Escola em projectos e actividades várias que visam o conhecimento, a valorização e a participação cívica no Património.

O recurso e exploração da imprensa escrita, que apresenta uma diversidade de textos com carácter mais informativo ou mais crítico sobre o meio físico e simbólico a que pertencem os leitores, possibilita o conhecimento, o desenvolvimento do espírito crítico e a consciencialização face ao património, assim como o fortalecimento da identidade e o respeito pela diversidade cultural.

A internet, pelo acesso fácil à comunicação, pelo aspecto atractivo das páginas Web, que incentivam a consulta e o aprofundamento de conhecimentos, pela interactividade que estabelece com os navegadores, que podem gerir o nível de informação a que pretendem aceder e utilizar diferentes aplicações electrónicas como instrumento de trabalho para divulgar, sensibilizar ou informar, tornam este meio de comunicação num instrumento por excelência no processo de ensino e aprendizagem para o património, onde o mundo virtual se aproxima do mundo real. A internet constitui cada vez mais uma importante ferramenta de trabalho que permite, quer aos alunos, quer aos docentes, a pesquisa e a produção de informação, mas também a divulgação de projectos e actividades direccionados para o conhecimento, valorização e salvaguarda do património, nomeadamente do património industrial.

▫ Um caso concreto de abordagem ao Património Industrial

No capítulo anterior concluiu-se que a articulação da educação formal, não formal e informal pode gerar conhecimento sobre o património, promover a sua apropriação e accionar mecanismos que conduzam à sua divulgação. Com base nestas ideias, foi desenvolvido o projecto “À descoberta do Património Local” com as turmas de 5º e 6º anos da Escola Básica Integrada de S. Domingos da Covilhã, no ano lectivo de 2010-2011.

Planificação do Projecto: “À descoberta do Património Local – Conhecer para valorizar /Valorizar para preservar”

Conteúdos

- O património local
 - O património industrial da Covilhã

Objectivos Gerais

- Promover o conhecimento dos testemunhos patrimoniais locais;
- Fomentar a apropriação e valorização do património, em particular do património industrial;
- Suscitar responsabilização pela preservação dos testemunhos patrimoniais;
- Reforçar o sentimento de pertença e identificação com a localidade e a região.

Estratégias / Actividades

- Visualização de diapositivos sobre alguns pontos de interesse histórico-cultural e natural local
 - Diálogo professora / alunos sobre o meio onde os alunos vivem (Que conhecimentos detêm os alunos sobre a História e o Património locais?)
- Aplicação do **Questionário 1** – Levantamento das seguintes noções:
 - Que noção têm os alunos de Património? / Que exemplos podem constituir Património?

▫ Os testemunhos da manufactura e indústria de lanifícios são considerados Património?

▫ O Património deve ser cuidado e legado às gerações futuras?

▪ Realização de uma **Visita de Estudo** guiada por uma técnica da Câmara Municipal a locais de interesse patrimonial, onde se incluiu uma Visita à Tinturaria – Galeria de Exposições e ao Museu dos Lanifícios – MUSLAN.

▪ Aplicação do **Questionário 2** – Verificação de alterações relativamente às noções referidas no Inquérito 1 e conhecer ideias sobre a importância de preservação e transmissão do Património. Levantamento das seguintes noções:

▫ Qual a melhor expressão de Património?

▫ Quais os exemplos patrimoniais mais representativos na Covilhã?

▫ É importante preservar o património local? A quem caberá o dever de preservar o Património local?

▫ Será importante conhecer os vestígios e modos de vida do passado? E no futuro, as populações devem conhecer os vestígios e modos de vida do presente?

▪ Elaboração prévia, pela docente, de uma *Webquest* “**À descoberta do Património Local**” – Proposta de realização de diversas actividades relacionadas com o Património observado na Visita de Estudo e com o Património industrial em particular¹¹.

▪ Participação no Concurso Escolar – “**A minha escola adopta um museu, um palácio, um monumento...**” uma iniciativa promovida conjuntamente pela Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC), no âmbito do Programa de Educação Estética e Artística, pelo Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) IP e pelo Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, IP (IGESPAR).
- Adopção do **Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos do Museu de Lanifícios**.¹²

¹¹ V. Anexo 4, p. 74.

¹² V. Anexo 6, p. 78.

▪ **Divulgação do trabalho realizado:**

- Exposição à comunidade Educativa – fotografias da Visita de Estudo e trabalhos realizados;
- Página Web do Agrupamento de Escolas “A Lã e a Neve” – Trabalhos da *webquest* e concurso escolar;
- Jornal do Agrupamento “Letras Coloridas” – Textos e imagens sobre o Património Local.

▪ **Articulação Curricular**

- Disciplina de História e Geografia de Portugal
- Área Projecto

▪ **Intervenientes**

- Docente de História e Geografia de Portugal
 - Docentes de Área Projecto
 - Coordenadora do Plano Tecnológico do Agrupamento
 - Alunos de 5º e 6º ano de escolaridade
-

Como ponto de partida foi necessário estabelecer a ponte entre os conhecimentos e interesses dos alunos e o património – objecto de estudo, de forma a criar empatia com os testemunhos a estudar e fomentar uma aprendizagem significativa sobre o Património local. A este propósito, partilhamos das seguintes palavras de Rui Trindade:

(...) como conciliar os interesses, as necessidades e os saberes prévios dos alunos, condição a respeitar no âmbito de qualquer projecto de intervenção educativa que se define em função da aprendizagem, com o contacto a realizar com um legado e um património cultural que lhes é exterior e aos quais importa que eles acedam, para que através da apropriação desse património, se afirmem quer pessoal quer socialmente no mundo e na sociedade em que vivem (Trindade, 2002).

Partindo do programa disciplinar de História e Geografia de Portugal de 2º ciclo, que proporciona o estudo da história local em diversas unidades didácticas que o constituem, realizou-se uma Visita de Estudo ao Património Local que resultou no contacto directo com diversos bens e pontos de interesse do património histórico-

cultural, como a malha urbana medieval, uma tinturaria do século passado, hoje uma galeria de exposições, e o Museu dos Lanifícios, um dos mais significativos da cidade pelo seu espólio e estruturas arqueológicas da manufactura industrial do século XVIII.

Iniciou-se a preparação da visita com um diálogo entre professora e alunos sobre a importância do conhecimento da localidade onde vivem e sobre os lugares e testemunhos que consideravam mais representativos na cidade. Seguiu-se a aplicação de um Questionário aos alunos participantes – Questionário 1, que teve como objectivos recolher informação sobre a noção de património, verificar se os alunos incluíam o património industrial entre os diversos exemplos apresentados e se consideravam importante cuidar e transmitir os exemplos seleccionados às gerações futuras.

Segue-se a análise dos dados recolhidos nas turmas de 5º ano / Universo de 53 alunos – idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos.

Destacaram-se a cinzento as opções que dizem respeito ao património industrial ou sempre que se justificou assinalar a resposta mais votada.

Questionário 1 – A:

Pergunta 1	Sim		Não	
	“Já ouviste falar de Património?”	35	66%	18

Pergunta 2		
“Assinala os exemplos que consideras poderem ser património local / regional:”		
Exemplos	Nº de Respostas	%
Igreja	34	64%
Museu	35	66%
Obra-de-arte	16	30%
Arquivo municipal	23	43 %
Festividades locais	10	19%
Artesanato	17	32%
Parque natural	7	13%
Rio	4	8%
Antigos edifícios e máquinas industriais	21	40%
Lendas	18	34%

Pergunta 3		
“Dos exemplos que se seguem, quais consideras fazerem parte do Património da tua localidade/ região.”		
Exemplos	Nº de Respostas	%
Capela de S. Domingos	31	58%
Museu dos lanifícios	25	47%
Ribeira da Goldra	3	6%
Fábricas e equipamentos da indústria de Lanifícios	18	34%
Estátua de D. Luís	20	38%
Feira de S. Tiago	8	15%
Cão da serra da Estrela	14	26%
Centro da cidade / Pelourinho	26	49%
Serra da Estrela	28	53%

Pergunta 4			Pergunta 4. 1.
“Dos exemplos que indicaste, escolhe dois que consideres mais importantes.”			“Justifica a tua resposta.”
Exemplos	Nº de respostas	%	Ideias predominantes
Capela de S. Domingos	23	43%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque é uma capela de S. Domingos / da Covilhã - Porque é um monumento já antigo - Porque tem a ver com Deus / local de oração - É uma forma de aprendizagem - É uma coisa antiga e deste tempo - Porque é bonita
Serra da Estrela	17	32%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque acho que é bonita - Porque é a maior serra de Portugal continental - Porque pertence à minha localidade / É a nossa serra / É património nosso / É o lugar mais visto da cidade
Museu dos lanifícios	16	30%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque tem coisas muito importantes e tem de ser conservado - Porque conta a história da Covilhã antes de ser cidade - Ensina-nos muitas coisas / É uma forma de aprendizagem - Porque é interessante - Porque é uma coisa antiga e deste tempo - Porque é importante para a região
Centro da cidade / Pelourinho	15	28%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque acho o centro da cidade importante / Porque é o centro da cidade - Porque lá existe a câmara municipal e é um sítio bonito - Porque é aí que está a parte da cidade

			histórica - Porque existe na minha localidade - Porque as pessoas passam mais vezes e gostam.
--	--	--	---

Pergunta 5 “Achas que os exemplos que seleccionaste devem ser cuidados e deixados às gerações futuras?”			Pergunta 5. 1. “Justifica a tua resposta.”
Respostas	Nº de respostas	%	Ideias predominantes
Sim	47	89 %	- Para conhecer a história do passado e mostrar que a cidade da Covilhã é importante; - Porque são locais onde se aprende muito; - Porque é bonito; - Porque se não forem cuidados, esta região vai ficar sem interesse; - Porque nós deixamos coisas aos nossos filhos, eles deixam depois aos seus.
Não	6	11%	- Já estão muito bem tratados e não precisam de ser mais; - Porque quando fica velho fica uma destruição.

Na leitura dos quadros, foi dado destaque aos exemplos relacionados com o Património Industrial – Fábricas e equipamentos da indústria de Lanifícios e Museu dos Lanifícios –, por ser o tema objecto deste trabalho. Tendo por base este pressuposto, pôde concluir-se o seguinte:

Mais de metade dos alunos inquiridos – 66% – já tinha ouvido falar de património.

Entre os quatro exemplos de património mais assinalados contam-se, por ordem decrescente, o museu, a igreja, o arquivo municipal e antigos edifícios e máquinas industriais. Este último exemplo foi assinalado por 40% dos alunos, o que reflecte uma apropriação simbólica do património industrial por um grupo significativo de alunos.

A partir de exemplos concretos de património, é de referir que quase metade dos alunos – 47 % – considerou que o Museu dos Lanifícios faz parte do património da sua região / localidade e reconhecem a importância da cultura dos lanifícios para a localidade / região.

Dos exemplos tidos como mais importantes, a terceira maior escolha dos alunos – 30 % – recaiu também sobre o Museu dos Lanifícios. Esta opção revela que o museu é para estes alunos um exemplo significativo de património, reflexo de um reconhecimento identitário com o acervo da mono-indústria dos lanifícios. Entre as justificações apontadas para a sua escolha, destacam-se que o museu “tem coisas muito importantes”, “É uma forma de aprendizagem”, “É interessante”, “É uma coisa antiga e deste tempo” e “É importante para a região”.

Quanto à preservação dos testemunhos patrimoniais para o futuro, a maioria dos alunos – 89% – tem a ideia de que devem ser cuidados e deixados às gerações futuras. Dar a conhecer a história do passado, permitir a aprendizagem do que os rodeia, a importância pela beleza e interesse que suscitam e a noção de continuidade da herança patrimonial foram as ideias apresentadas para justificar as respostas afirmativas.

Dados recolhidos nas turmas de 6º ano / Universo de 46 alunos – idades compreendidas entre os 12 e 13 anos.

Questionário 1 – B:

Pergunta 1 “Já ouviste falar de Património?”	Sim		Não	
	Nº de respostas	%	Nº de respostas	%
	28	61%	18	39%

Pergunta 2 “Assinala os exemplos que consideras poderem ser património local / regional:”		
Exemplos	Nº de Respostas	%
Igreja	33	72%
Museu	35	76%
Obra-de-arte	8	17%
Arquivo municipal	18	39 %
Festividades locais	3	7%
Artesanato	13	28%
Parque natural	10	22%
Rio	5	9%
Antigos edifícios e máquinas industriais	20	43%
Lendas	11	24%

Pergunta 3		
“Dos exemplos que se seguem, quais consideras fazerem parte do Património da tua localidade/ região.”		
Exemplos	Nº de Respostas	%
Capela de S. Domingos	29	63%
Museu dos lanifícios	37	80%
Ribeira da Goldra	7	15%
Fábricas e equipamentos da indústria de Lanifícios	22	48%
Estátua de D. Luís	22	48%
Feira de S. Tiago	13	28%
Cão da serra da Estrela	9	20%
Centro da cidade / Pelourinho	24	52%
Serra da Estrela	22	48%

Pergunta 4			Pergunta 4. 1.
“Dos exemplos que indicaste, escolhe dois que consideres mais importantes.”			“Justifica a tua resposta.”
Exemplos	Nº de respostas	%	Ideias predominantes
Museu dos lanifícios	29	63%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque é um documento histórico que fez parte da história da Covilhã; - Contem coisas interessantes; - Para aprendermos muitas coisas interessantes; - Para sabermos como se trabalhavam os teares; - É importante para manter a cultura; - Porque ajuda a descobrir mais coisas; - Porque estou mais perto dele e posso ir vê-lo; - Porque deram mais trabalho às pessoas da Covilhã; - Por lazer; - O mais importante da nossa região e tem a ver com o património local; - Porque o museu é um local onde pessoas de outras regiões vão para verem como eram as coisas nos tempos antigos na Covilhã.
Capela de S. Domingos	14	30%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque era importante para as pessoas de antigamente; - Porque é o património mais importante da região; - Porque é importante e muito visitada; - Porque estou perto dela e posso ir vê-la; - Porque se deve ir à missa todos os domingos.

Estátua de D. Luís	12	26%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque foi quem elevou a Covilhã a cidade; - As coisas antigas devem ficar até aos dias de hoje para podermos conhecer o antigamente do ser humano e podermos fazer visitas de estudo; - Porque ajudam a descobrir mais coisas; - Porque é um grande monumento; - Porque podemos saber muito dos anos passados.
Centro da cidade / Pelourinho	12	26%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque quando vejo a Covilhã lembro-me do centro da cidade; - Porque é o centro da cidade e onde se situa a câmara municipal, a estatua do Pêro da Covilhã... - Porque é o mais importante; - Para aprendermos muitas coisas interessantes; - Porque é o património mais importante da região; - Porque (são) tem grandes monumentos; - Porque são coisas históricas da cidade.
Serra da Estrela	12	26%	<ul style="list-style-type: none"> - Porque é rica em espaços naturais; - Porque quando vejo a Covilhã lembro-me dela; - Porque era importante para as pessoas de antigamente; - Porque é importante; - Porque é uma zona bonita; - Porque é uma das melhores coisas da Covilhã; - Porque é perto da Covilhã e eu moro lá; - Porque tem mais a ver com a cidade; - Porque é um local de divertimento.

Pergunta 5			Pergunta 5. 1.
“Achas que os exemplos que seleccionaste devem ser cuidados e deixados às gerações futuras?”			“Justifica a tua resposta.”
Respostas	Nº de respostas	%	Ideias predominantes
Sim	43	93 %	<ul style="list-style-type: none"> - Porque as pessoas só ligam às modernices dos tempos de agora; - Devemos tomar conhecimento do passado; - Para quando formos mais velhos os nossos herdeiros poderem saber como era a vida; - Porque são coisas bonitas e deviam ser preservadas;

			<ul style="list-style-type: none"> - Porque de vez em quando é bom lembrar a história; - Porque todas as pessoas têm direito de ver /há imensas coisas para aprendermos; - Porque é importante que as seguintes gerações saibam como tudo começou; - Pois tudo pertence à Covilhã e também as gerações futuras devem ver como era o passado; - Porque são importantes; - Porque podem ver coisas lindas que nós deixamos; - Para as pessoas serem mais inteligentes e generosas; - Deve continuar sempre a passar de geração em geração; - Porque vão passar por cá muitos turistas e novas pessoas; - Porque podem ser úteis no futuro.
Não	3	7%	- Não sei se escolhi bem.

Da leitura dos dados do questionário concluiu-se que mais de metade dos alunos - 61% - já ouviram falar de património.

Entre os exemplos que consideram poder ser património local/regional, o primeiro mais assinalado foi o Museu – 35 % – e o terceiro, com 20 % das opções – Antigos edifícios e máquinas industriais.

A partir de exemplos concretos de património da localidade/região, o exemplo mais assinalado, com 37%, foi de novo o Museu dos Lanifícios e o quarto lugar das opções dos alunos recai sobre as Fábricas e equipamentos da indústria de Lanifícios.

O exemplo de património que os alunos consideraram mais importante foi o Museu dos lanifícios, com 63%. Entre as justificações apresentadas, destacam-se a ideia de o Museu constituir um documento da história da Covilhã e a aprendizagem que proporciona sobre os lanifícios e a história da cidade.

O nível elevado de incidência das respostas sobre os exemplos do património industrial, sobretudo no Museu dos Lanifícios, mostra a importância que os alunos conferem a este património como referência identitária, apresentando-se o Museu como um local de excelência não só porque aí se encontram reunidos testemunhos industriais significativos, mas também porque possibilita o conhecimento e a compreensão do meio que os rodeia e do passado da cidade a que pertencem.

Por fim, a maioria dos alunos – 93% – acha que os exemplos seleccionados devem ser cuidados e deixados às gerações futuras. Como justificações apontaram a necessidade de dar a conhecer às gerações futuras o passado e o presente da Covilhã, quer aos habitantes da cidade, quer a turistas.

Após a realização da Visita de Estudo, foi aplicado aos alunos o **Questionário 2**, em que se pretendia averiguar a ideia que os alunos detinham sobre Património, que exemplos de património entendiam agora ser os mais representativos da localidade, que noção tinham sobre a quem compete a responsabilidade da preservação do Património e se continuavam a considerar importante conhecer o património do passado e dar a conhecê-lo à população futura.

O Questionário 2 foi aplicado às mesmas turmas que tinham respondido ao inquérito 1. Nas turmas de 5º ano, responderam 51 alunos.

Questionário 2 – A

Pergunta 1		
“Selecciona com X o item que achas que melhor expressa o conceito/ ideia de Património Local.”		
ITENS	Nº de respostas	%
Monumentos e edifícios públicos – bancos, hospital, lares da 3ª idade, escolas.	1	2%
Monumentos e zonas históricas.	11	22%
Monumentos, zonas históricas, lendas e histórias sobre a localidade e os seus habitantes no passado.	14	27%
Monumentos, zonas históricas e tudo o que caracteriza a localidade e os seus habitantes no passado e no presente.	16	31 %
Monumentos mais belos da localidade.	4	8%
Monumentos mais belos e mais antigos da localidade.	3	6%

Pergunta 2			
“Assinala de 1 a 3, por ordem decrescente, os três exemplos que consideras que melhor representam o Património da tua cidade.”			
(1 - mais ... 3 - menos)			
Exemplos	Ordem de importância	Nº de respostas	%
Igreja de Santa Maria	1	12	24%
	2	6	12%
	3	3	6%

“Panos” da muralha	1	7	14%
	2	6	12%
	3	8	16%
Sepulturas medievais	1	0	0%
	2	3	6%
	3	2	4%
Judiaria	1	1	2%
	2	0	0%
	3	3	6%
Centro/Pelourinho	1	9	18%
	2	8	16%
	3	7	14%
Fábricas, máquinas e equipamentos da antiga indústria de Lanifícios	1	9	18%
	2	10	20%
	3	6	12%
Galeria de exposições da Tinturaria	1	0	0%
	2	5	9,9%
	3	3	6%
Museu dos lanifícios	1	11	6%
	2	10	20%
	3	13	25%
Outro – Cisterna	3	1	2%

Pergunta 3 “Consideras importante preservar o Património Local?”	Sim		Não	
	Nº de respostas	%	Nº de respostas	%
	50	98%	0%	0 %

Pergunta 4 “Quem achas que deve preservar o Património Local?”		
Exemplos	Nº de respostas	%
Estado	5	9,9%
Câmara Municipal	22	43%
Juntas de Freguesia	12	24%
Associações Culturais	7	14 %
Proprietários	5	9,9%
População em geral	27	53%
Outro. Ex.:	0	0%

Pergunta 5 “Achas importante conhecer os vestígios e o modo de vida da população no passado?”	Sim		Não	
	Nº de respostas	%	Nº de respostas	%
	49	96%	0%	0 %

Pergunta 6 “E no futuro, os nossos descendentes devem conhecer o modo de vida da população de hoje?”	Sim		Não	
	Nº de respostas	%	Nº de respostas	%
	50	98%	0%	0 %

Na primeira questão, o item “*Monumentos, zonas históricas e tudo o que caracteriza a localidade e os seus habitantes no passado e no presente*” foi o mais assinalado pelos alunos – 31% – que consideraram ser o que melhor expressa o conceito/ideia de património. A opção mostra que os alunos têm uma ideia abrangente do conceito de património já que inclui tudo o que caracteriza e identifica a localidade e a população no passado e no presente. Há, nesta opção, a ideia intrínseca de uma continuidade histórica e de valorização dos feitos dos antecessores mas também da comunidade actual.

Entre os três exemplos que melhor representam o Património da cidade, 20 % dos alunos assinalou o Museu dos Lanifícios em segundo lugar e 25% indicou o mesmo exemplo em terceiro lugar. O exemplo – Fábricas, máquinas e equipamentos da antiga indústria de Lanifícios – foi igualmente a segunda opção para 20 % dos alunos. As escolhas reflectem um conhecimento sobre o papel dos lanifícios na região e uma sensibilização para o Património Industrial materializado em testemunhos diversos espalhados pela cidade e resgatados no Museu de Lanifícios.

Relativamente à importância de preservação do património, a maioria dos alunos – 98 % – assinalou afirmativamente, sendo pois dominante a ideia de cuidar e manter os testemunhos patrimoniais. Quanto à responsabilidade de preservar o Património local, cerca de metade dos alunos – 53% – considera que recai sobre a população em geral, mas também sobre as autarquias, sobretudo a Câmara Municipal, indicada por 43% dos alunos.

O conhecimento dos vestígios e do modo de vida da população no passado e dar a conhecer o modo de vida da população de hoje às gerações futuras são duas ideias

consideradas importantes para a maioria dos alunos – 98%. Estas respostas reforçam a noção de interligação entre o passado, o presente e o futuro e um sentimento positivo sobre a importância das realizações das gerações passadas, mas também do que é produto da comunidade no presente.

O questionário 2 foi aplicado às turmas de 6º ano, a um universo de 48 alunos.

Questionário 2 – B

Pergunta 1		
“Selecciona com X o item que achas que melhor expressa o conceito/ ideia de Património Local.”		
ITENS	Nº de respostas	%
Monumentos e edifícios públicos – bancos, hospital, lares da 3ª idade, escolas.	5	10%
Monumentos e zonas históricas.	15	31%
Monumentos, zonas históricas, lendas e histórias sobre a localidade e os seus habitantes no passado.	10	21%
Monumentos, zonas históricas e tudo o que caracteriza a localidade e os seus habitantes no passado e no presente.	13	27 %
Monumentos mais belos da localidade.	1	2%
Monumentos mais belos e mais antigos da localidade.	4	8%

Pergunta 2			
“Assinala de 1 a 3, por ordem decrescente, os três exemplos que consideras que melhor representam o Património da tua cidade.”			
(1 - mais ... 3 - menos)			
Exemplos	Ordem de importância	Nº de respostas	%
Igreja de Santa Maria	1	8	17%
	2	5	10%
	3	9	19%
“Panos” da muralha	1	4	8%
	2	6	13%
	3	4	8%
Sepulturas medievais	1	2	4%
	2	2	4%
	3	5	10%
Judiaria	1	1	2%
	2	1	2%
	3	3	6%

Centro/Pelourinho	1	9	19%
	2	9	19%
	3	5	10%
Fábricas, máquinas e equipamentos da antiga indústria de Lanifícios	1	11	23%
	2	9	19%
	3	6	13%
Galeria de exposições da Tinturaria	1	0	0%
	2	3	6%
	3	5	10%
Museu dos lanifícios	1	11	23%
	2	10	21%
	3	7	15%
Outro: - Estátua de D. Luís - O povo, as pessoas - Capela do Calvário - Ponte	3	1	2%
	3	1	2%
	3	1	2%
	3	1	2%

Pergunta 3 “Consideras importante preservar o Património Local?”	Sim		Não	
	Nº de respostas	%	Nº de respostas	%
	47	98%	0%	0 %

Pergunta 4 “Quem achas que deve preservar o Património Local?”		
Exemplos	Nº de respostas	%
Estado	12	25 %
Câmara Municipal	36	75%
Juntas de Freguesia	8	17%
Associações Culturais	10	21%
Proprietários	5	10%
População em geral	23	48%
Outro. Ex.:		
- Todos	2	4%
- Cidade/ o mundo inteiro	1	2%

Pergunta 5 “Achas importante conhecer os vestígios e o modo de vida da população no passado?”	Sim		Não	
	Nº de respostas	%	Nº de respostas	%
	46	96%	2%	4%

Pergunta 6 “E no futuro, os nossos descendentes devem conhecer o modo de vida da população de hoje?”	Sim		Não	
	Nº de respostas	%	Nº de respostas	%
	45	94%	3%	6%

O item “Monumentos e zonas históricas” é considerado o que melhor expressão conceito/ideia de património local por 31% dos alunos, seguido do item “Monumentos, zonas históricas e tudo o que caracteriza a localidade e os seus habitantes no passado e no presente”, que foi assinalado por 27 % dos alunos. A primeira opção dos alunos do 6º ano reflecte a importância dada aos monumentos e ao passado histórico enquanto exemplos mais representativos do património, mas a segunda opção aponta para uma noção abrangente de património já que inclui elementos de caracterização e identidade da população e da cidade, quer no passado, quer no presente.

Os exemplos considerados mais representativos do património local são as Fábricas, máquinas e equipamentos da antiga indústria de Lanifícios e o Museu dos Lanifícios, assinalados como primeira opção por 23% dos alunos.

A maioria dos alunos – 98 % – considerou importante a preservação do património local, cabendo a responsabilidade da sua preservação, destacando as três opções com maior incidência, à Câmara Municipal, com 75 % respostas, à população em geral – 48% – e do Estado com 25%. O peso da responsabilidade do órgão mais importante da autarquia mostra a noção do poder da Instituição, embora não seja descurado o papel da população na manutenção e cuidado dos exemplos patrimoniais.

Conhecer os vestígios e modos de vida no passado é considerado importante para a maioria dos alunos – 96% – e 94% reconhece a importância de dar a conhecer o presente à população futura. Os alunos de 6º ano têm também a noção da continuidade histórica e valorizam os feitos do passado e do presente.

Podemos concluir que os alunos inquiridos, apesar da sua curta vivência, têm já uma noção do que é património e do que constitui o património industrial, revelam uma sensibilidade para a sua importância enquanto marcas de uma actividade predominante e fundamental na região da serra da Estrela no passado, mas cujos testemunhos, fazendo parte das memórias e do quotidiano da população do presente, devem ser salvaguardados e transmitidos às gerações futuras.

Após a Visita de Estudo, a actividade prosseguiu com um trabalho orientado *on line* - uma *webquest* – sob o tema “À descoberta do património Local” e onde foram propostas diversas actividades práticas sobre o Património re/descoberto da cidade. As actividades permitiram aos alunos aplicar os conhecimentos adquiridos pela observação directa dos testemunhos patrimoniais, mas também colmatar lacunas e aprofundar informação através da pesquisa de sites sugeridos como recurso sobre áreas relativas ao património visitado.

Para dar continuidade ao trabalho desenvolvido, a *webquest* sugeria aos alunos apadrinhar um monumento da localidade. A actividade sob o lema “Conhecer o património para o valorizar e preservar” tinha como finalidade apelar à cidadania activa da comunidade escolar, levando-a a interagir com o património, apelando ao conhecimento e defesa dos testemunhos patrimoniais. Surgiu a oportunidade de participar no concurso escolar “A minha escola adopta um museu, um palácio, um monumento...” da iniciativa promovida conjuntamente pela Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC), no âmbito do Programa de Educação Estética e Artística, pelo Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) IP e pelo Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, IP (IGESPAR). Um grupo de alunos de 6º ano, sob a orientação da autora da presente Dissertação, candidatou-se ao projecto e adoptou o Núcleo da Real Fábrica dos Panos do Museu de Lanifícios. O trabalho consistiu na pesquisa de informação sobre o núcleo museológico e na produção de um PowerPoint que incluiu pequenos vídeos informativos sobre as várias salas do núcleo museológico da antiga tinturaria da Real Fábrica dos Panos, mandada construir pelo Marquês de Pombal.

O jornal escolar e a página *web* da escola foram utilizados para divulgar os trabalhos realizados e interagir com a comunidade, promovendo o interesse, a ligação ao meio e o sentimento de pertença ao património da cidade.

Aliando a teoria e a prática, promovendo o ensino pela descoberta e proporcionando o contacto directo com os testemunhos patrimoniais, o projecto descrito “À descoberta do Património Local” tornou possível desenvolver um processo de ensino e aprendizagem mais efectivo e munido de sentido sobre a história local. Os alunos ficaram mais sensibilizados para a importância do património, e do património industrial em particular, e desenvolveram competências que os tornaram mais aptos a reconhecer, a valorizar e a participar civicamente na preservação dos testemunhos culturais da comunidade a que pertencem.

Este trabalho de (re) descoberta do património local, ou seja, de conhecimento, valorização e apropriação dos testemunhos patrimoniais deve ser um trabalho continuado ao longo da vida e deve abranger todo o património, embora o presente trabalho esteja focalizado no Património industrial, pela sua contextualização histórica e cultural local e devidamente explanada na Parte I desta Dissertação.¹³

As actividades pedagógicas apresentadas foram realizadas no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal, no 5º e 6º de escolaridade, em articulação com a área curricular não disciplinar de Área Projecto, por esta ser um espaço educativo direccionado para o trabalho de pesquisa. Contudo, dada a abrangência do conceito de património, que inclui múltiplas áreas do saber, o processo de ensino e aprendizagem deve transpor o limite de uma disciplina ou área tradicionalmente vocacionadas para estudos neste âmbito, para envolver outras disciplinas e diferentes temáticas numa perspectiva “trans” e interdisciplinar. Certamente que o trabalho a realizar poderá promover um conhecimento mais vasto sobre o meio e sobre o património e, por consequência, mais enriquecedor e mais significativo para o aluno. Defendemos, por conseguinte, que o ensino e aprendizagem para o património deve fazer parte dos planos programáticos das diversas disciplinas e não constituir um tema aparte a ser tratado ocasionalmente como uma área de menor importância. Quando o estudo do património fizer parte integrante dos programas das disciplinas que formam o desenho curricular dos ensinos básico e secundário, os alunos poderão fazer uma aprendizagem mais estruturada e mais efectiva do universo que, em diversas escalas (local, regional, nacional e internacional), serve de suporte e/ou cenário das suas experiências de vida.

¹³ V. Parte I desta Dissertação, pp. 1-8.

Parte III – Educação para o Património – A educação como meio de intervenção no património industrial

▫ Conhecer para apropriar, valorizar e preservar o Património

Ter uma boa educação sobre o Património é também ter uma boa preparação para o pleno exercício da cidadania (Jorge, 2000).

Educar para o património é educar os sentidos, criar mecanismos de compreensão sobre o meio, promover a apropriação dos bens culturais, desenvolver uma cidadania consciente e actuante capaz de valorizar a realidade patrimonial.

Os bens herdados do passado farão sentido se os indivíduos lhes conferirem significado no presente e os aproximarem da sua vida quotidiana, atribuindo-lhes utilidade, valor e memória. Cabe às comunidades gerir e valorizar os testemunhos patrimoniais, partindo das circunstâncias económicas, sociais e ideológicas do presente e pondo em prática uma postura interventiva sobre o meio. Neste contexto, Vítor Oliveira Jorge refere: “Não entendo tanto o património, o território, e a identidade, como realidades herdadas, estáticas, como valores em si, mas antes como construções de modernidade e portanto, como elementos e factores de cidadania (Jorge, 2000).

O património vivencia-se no presente e projecta-se no futuro para utilização e usufruto das gerações vindouras. Hoje, reconstruímos o património, recuperamo-lo, e reutilizamo-lo tendo em conta as necessidades da comunidade e o desenvolvimento sustentável do meio. No futuro será objecto de novas escolhas e de novas soluções pelos cidadãos que nos sucederem “ (...) a ideia de património pressupõe que nós futurizemos um passado, lhe demos um destino útil para as nossas vidas e a dos nossos sucessores. Ao querermos «conservar» o património, queremos parar o tempo; mas essa mítica «paragem» implica já a projecção de uma ideia de futuro” (Jorge, 2000).

Podemos dizer que o património tem inerentes duas componentes: a carga simbólica do passado e a necessária reinterpretação do presente, a que Victor Oliveira Jorge expressa como “herança e construção”. Para o autor, “Património implica uma inextricável articulação de herança e construção. Herança, porque subjacente à ideia se encontra a vontade de conservar (“congelar”o tempo), valorizar e transmitir certos bens;

construção porque tais valores são indissociáveis do nosso olhar contemporâneo sobre eles, são uma criação nossa, na medida em que os reconhecemos como valores patrimoniais”. Trata-se de uma dupla visão sobre o património: uma «retrospectiva», virada para o passado, outra «prospectiva», já que “património é um projecto de futuro, e portanto, uma acção cultural sobre um monumento é uma criação contemporânea (Jorge, 2000).

Ao falarmos de património não se consideram apenas “os monumentos” com valor histórico e estético, consequência de uma noção tradicional e limitada, mas de toda uma paisagem humanizada legada pelo passado. (Jorge, 2000)”. Esta concepção, consequência da democratização do conceito de património verificada sobretudo a partir da revolução industrial¹⁴, permitiu consagrar o valor e importância do/s património/s, onde incluímos o património industrial. O reconhecimento gera obrigações, ou seja, práticas de cidadania activa como a prevenção e salvaguarda do património, como refere Choay:

A mundialização dos valores e das referências ocidentais contribuiu para a expansão ecuménica das práticas patrimoniais. Essa expansão pode ser simbolizada pela Convenção relativa à protecção do património mundial cultural e natural, adoptado em 1972 pela Conferencia geral da Unesco. Este texto decalcava do conceito de monumento histórico o de património cultural universal: monumentos, conjuntos edificados, sítios arqueológicos ou urbanizados, apresentando «um valor universal excepcional do ponto de vista da história da arte ou da ciência». Era assim proclamada a universalidade do sistema ocidental de pensamento e de valores na matéria. Para os países prestes a reconhecerem a sua validade, a Convenção criava um conjunto de obrigações relativas «à identificação, protecção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do património cultural (Choay, 2000).

Como medidas de defesa do Património cultural, onde incluímos o património industrial, José Ferreira enuncia as seguintes:

(...) a primeira medida que condiciona todas as demais é a promoção e divulgação do *conhecimento desse património*. Que é o mesmo que conhecer-nos a nós mesmos, conhecer o mundo que nos rodeia, nos condiciona e modela, que está tão ligado à nossa génese. (...) A segunda medida genérica, da maior importância para a defesa e preservação do património, é a promoção do seu uso (...) que mantém os elementos patrimoniais em vida, tanto do ponto de vista físico como do ponto de vista simbólico e significativo. (...) Uma terceira medida (...)

¹⁴ V. Pressupostos Teóricos desta Dissertação.

consiste numa *acção de educação e promoção da consciência e utilização* desse património local. (...) quem conhece e entende o valor do património e dos elementos que o compõem, não os despreza nem destrói. Por isso a melhor maneira de salvaguardar tais valores é educar para o seu conhecimento e uso (Ferreira, 1993).

O património industrial, representativo do ponto de vista histórico, económico, tecnológico e cultural, pela prática da actividade dos lanifícios na região da serra da Estrela, durante um período milenar¹⁵, implica deveres por parte da comunidade local que consistem no zelo pela preservação e salvaguarda dos bens que pertencem a toda a comunidade. A educação, enquanto processo de ensino e aprendizagem tem o papel de consciencializar os indivíduos para a valia do património e para a necessidade de o cuidar.

O património local constitui o universo próximo das crianças e dos jovens, faz parte do seu quotidiano visual e das memórias da sua localidade. Conhecer, compreender e valorizar o universo cultural permite aumentar a auto-estima individual e colectiva, promover a integração social e a participação cívica no meio envolvente.

Valorizar o meio é valorizar o aluno, ajudá-lo a desenvolver o auto-conceito. É, deste modo, mobilizá-lo, criar-lhe maiores predisposições para a aprendizagem, é motivá-lo; ligar os conteúdos programáticos ao real da criança, interagir com os seus conhecimentos, penetrar na sua cultura (Salgado, 1993).

É no meio que o aluno se desenvolve e socializa. Ao valorizar o meio, a escola também está a valorizar o aluno, fomentando a sua auto-construção e integração social. Ao interligar os conteúdos programáticos à realidade do aluno, interagimos com os seus conhecimentos e com a sua cultura. A escola cria no aluno uma maior motivação, um maior interesse e envolvimento para a aprendizagem. O meio funciona para a escola como um importante recurso pedagógico. “Partir de objectos, de situações, de práticas do universo dos alunos (...) que tragam o contributo dos pais e do meio, são potencialidades que, para além de motivarem as aprendizagens, as facilitam, uma vez que permitem uma integração dos saberes escolares no universo cultural dos alunos (Salgado, 1993)”.

¹⁵ V. Parte I desta Dissertação, pp. 1-9.

O trabalho realizado no âmbito da educação patrimonial com os alunos de 5º e 6º anos da Escola Básica Integrada de S. Domingos, teve como objectivo dar a conhecer o património, em particular o património industrial, promovendo a sua compreensão, valorização e divulgação. A articulação entre a educação formal, não formal e informal foi feita com a finalidade de tornar mais efectiva, mais diversificada e enriquecedora a aprendizagem sobre o universo que rodeia o aluno e a história local. Desta forma procurou-se potenciar o conhecimento da realidade envolvente, fomentar a integração no meio e promover o desenvolvimento integral das crianças enquanto cidadãos, numa perspectiva de aquisição de valores e atitudes para a vida pessoal e em sociedade.

Tendo como ponto de partida os conteúdos curriculares do programa da disciplina de História e Geografia de Portugal de 2º ciclo e como objectivo o reforço do interesse e motivação dos alunos pelo património e pela história da cidade e da região, foi realizada uma visita de estudo ao património local, onde se incluiu uma visita ao Museu dos Lanifícios, por representar o património mais característico da cidade – o património industrial.

Os museus têm o papel fundamental de guardar testemunhos patrimoniais, que a não ser recolhidos e preservados poderiam perder-se para sempre, mas também de estimular os diversos públicos para a fruição das manifestações culturais e artísticas que constituem o seu acervo e para a consciencialização da importância que constitui o património.

A interacção que tem sido promovida entre o Museu dos Lanifícios e a escola para dar a conhecer e sensibilizar os mais jovens para a importância da indústria dos lanifícios no que concerne a equipamentos, máquinas, técnicas, matérias-primas e energias utilizadas, relacionando-as com os recursos naturais e humanos da região, constitui uma mais valia no ganho de um público jovem que necessita de conhecer e compreender a história local. Neste contexto, Manuel Joaquim Loureiro destaca o conceito de “*educação multicultural*”, entendida como um recurso a práticas pedagógicas alternativas que visam um “compromisso com a realização pessoal dos seus membros e com a inclusão social”. O autor evidencia o conhecimento veiculado pela Arqueologia Industrial e pela sua expressão museológica através da preservação intencional de objectos, edifícios e práticas com significado para as sociedades:

Na realidade, a procura e atribuição de significado aos conteúdos culturais, pode ser considerada uma atribuição fundamental de qualquer museu. A mediação consiste na

comunicação do significado, valor e afinidade de um objecto exposto, e é em grande medida determinado pelas referências culturais do grupo de pertença do indivíduo (Loureiro, 1998).

O contacto com as fontes directas, materiais e documentais possibilitam uma aproximação à verdade histórica e cultural. A promoção de actividades que impliquem a fruição e estudo do património, como a organização de visitas aos locais onde se encontram os testemunhos patrimoniais e a pesquisa orientada das fontes documentais proporcionam o conhecimento e a compreensão real das manifestações humanas / culturais e a sua valorização enquanto lugares de memória da comunidade (Nora, 1990).

A imprensa escrita e os sites da internet que divulgam o património e informam sobre problemas, soluções encontradas e intenções de valorizar ou desvalorizar o património local, sensibiliza os cidadãos, suscita emoções e sentimentos face a esse património, torna-os mais conscientes e mais críticos sobre o que constitui o património e para a importância que tem para a comunidade, activando a sua responsabilização sobre o destino que lhe é dado.

A actividade de produção da lã e dos tecidos alicerçou a vida económica e social da região durante séculos, marcou a vida das gentes da Covilhã e estabeleceu relações com outras regiões de âmbito nacional e internacional. A cultura industrial foi dominando a cidade e foi moldando a forma de vida dos habitantes locais que procuravam integrar-se num ofício das lãs e dos tecidos. Perante o fim do vigor económico da indústria de lanifícios e o conseqüente afastamento temporal da cultura que caracterizou o modo de vida das gentes da cidade, é necessário evitar a perda do fio condutor que estabelece a ligação entre o passado e o presente e reavivar a memória e identidade colectivas.

Para estabelecer a continuidade histórica, dar sentido ao espaço físico e simbólico da cidade é necessário que as crianças, os jovens e a população em geral, sejam sensibilizados e educados para o património, seja promovido o conhecimento, a compreensão e a valorização dos testemunhos da história local. Só desta forma é possível estabelecer sentimentos de pertença e de responsabilidade cívica pela preservação e salvaguarda de um património que constitui a história dos seus antepassados, mas também a sua e das gerações vindouras.

A escola, o museu, as bibliotecas, os arquivos, a imprensa, a internet, enquanto potenciais meios de educação cultural/ patrimonial têm o papel e o dever de desenvolver nos jovens a sua consciência patrimonial, apetrechá-los de ferramentas que lhes

permitam reinterpretar o passado e viver o presente de forma mais consciente e mais interventiva.

Para aqueles que (...) pensam que o homem/mulher é essencialmente um ser simbólico, que se distingue precisamente de outras espécies pelo comportamento inventivo e pelo permanente trabalho de memória (pessoal e colectiva), é vital a compreensão, tão cabal quanto possível, da realidade que nos rodeia, pois só com base nessa compreensão se podem elaborar e negociar estratégias de futuro. Ora essa realidade que nos rodeia não é num certo sentido, nossa contemporânea; é anterior a nós, não nasceu connosco, foi em larga medida “herdada”, e é em função do sentido activo que prestamos a essa herança que a podemos reorientar de forma consciente e criativa (Jorge, 2000).

Os testemunhos do Património industrial dos lanifícios têm na Covilhã e em toda a região envolvente um palco onde se expressam as memórias mais genuínas das gentes locais, um território que viveu com e para uma actividade económica que fez parte do quotidiano de forma perseverante, quer em termos temporais, quer de envolvimento humano, e que constituem testemunhos que perduram até aos nossos dias. São vestígios arqueológicos provenientes do passado, mas que dão sentido ao presente e devem ser transmitidos ao futuro.

Neste contexto, partilhamos das palavras de Victor Oliveira Jorge sobre a relação entre os vestígios do passado e a realidade arqueológica que nos rodeia e a responsabilização da geração presente em passar os testemunhos patrimoniais às gerações vindouras:

[O] mundo que nos envolve, a que pertencemos, está pejado de materialidades que foram implantadas pelos nossos antecessores; é um mundo arqueológico (...) arqueológico é todo o espaço, todo o conjunto de realidades materiais em que vivemos, e que balizam os nossos movimentos e dão sentido às nossas acções. (...) Ora a realidade arqueológica, que nos rodeia, não é um fóssil: é um quadro activo, dinâmico, da nossa vida, como seres que procuram avidamente o sentido. É por isso que a arqueologia não é um ornamento, e que o património não serve só para comemorações ou pretextos frívolos. Os seus valores são tão essenciais como os do culto e da festa, da alegria e da melancolia, da reflexão e do estudo, da intervenção cívica e da ética de participação. (...) Como geração presente, com maturidade conseguida, compete-nos uma quota-parte importante da sua racionalização e da sua transmissibilidade às gerações seguintes (Jorge, 2000).

A educação patrimonial tem a função de sensibilizar os jovens para a salvaguarda dos vestígios ou bens patrimoniais, elementos físicos e simbólicos integrantes da história e da memória de uma localidade e da sua população; bens que constituem lugares de memória (Nora, 1997) e que, por esse estatuto, merecem ser reabilitados, usufruídos e preservados.

Como síntese das ideias explanadas neste capítulo sobre a educação como meio de intervenção sobre o património, compartilhamos as palavras de Olaia Fontal Merillas:

Para poder disfrutar de un bien o un valor cultural, es preciso algo tan sencillo como conocer su existência. (...) Trabajar el conocimiento permite obtener algunas claves para la comprensión de determinado elemento patrimonial. Comprendemos aquello que consideramos que tiene sentido, lógica, interés, importância... (...) Respetamos aquello que entendemos antes que aquello que no tiene sentido, valor o interés.) (...) Las sensaciones que nos produce el patrimonio cultural van a determinar nuestra respuesta en forma de atitudes y van a configurar valoraciones hacia el mismo. (...) Para valorar un bien es preciso, además de conocerlo, comprender sus razones, sus claves y su propia lógica (...) valoramos aquello que comprendemos o, al menos, respetamos.(...) Aquello que não se conoce, difícilmente se pode cuidar; lo mismo sucede si no se comprende, no se respeta o no se valora. De hecho, aquello que consideramos que tiene un gran valor, tendemos a protegerlo y a conservarlo (Merillas, 2003).

Considerações Finais

O presente trabalho de Dissertação centrou-se no património industrial da Covilhã enquanto objecto de ensino e aprendizagem que, em diferentes contextos de educação – formal, não formal e informal – visa levar a conhecer, apropriar e valorizar a herança patrimonial legada por um passado que se reconstrói e vivifica o presente, numa constante dialéctica de reinterpretação de valores e sentidos face às necessidades, interesses e projecções da sociedade actual.

Tudo o que nos foi legado está presente, não só nas ruínas mas na fisionomia característica da rua da aldeia, do largo da igreja, nas varandas floridas ou na pintura das casas. (...) O ambiente do presente está enquadrado no ambiente definido pelo passado. A catedral, a feira, o banco do jardim conferem ao habitante local o sentimento de segurança da atmosfera familiar, a estabilidade de que necessita para a vida diária. Há que preservar esse ambiente na construção do presente (...) Não se copia o velho mas constrói-se o novo autêntico, sem prejudicar o testemunho dos tempos passados (Telmo, 1994).

Partindo do espaço da sala de aula para o contacto directo com os bens patrimoniais, puderam encetar-se actividades várias com os alunos do 2º ciclo da Escola Básica Integrada de S. Domingos da Covilhã, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Pretendia-se estimular nas crianças o conhecimento da realidade envolvente e reforçar a sensibilização e afinidade pelos testemunhos históricos e culturais locais.

A realização da primeira actividade pedagógica – uma Visita de Estudo ao património histórico-cultural da Covilhã – foi precedida da aplicação de um inquérito aos alunos que visou auscultar a noção de património e a opinião sobre a pertinência da preservação dos exemplos patrimoniais para transmissão às gerações futuras.

Após a actividade foi aplicado um segundo inquérito aos mesmos alunos. A maioria dos alunos inquiridos revelou ter uma noção abrangente de património local, visto que a sua selecção incidiu sobre a opção que incluía monumentos, zonas históricas e tudo o que caracteriza a localidade e os seus habitantes no passado e no presente. Os inquiridos identificaram exemplos diversos de testemunhos patrimoniais e incluíram os que pertenciam à cultura industrial dos lanifícios; consideraram importante a preservação do Património, que deve estar a cargo de instituições locais e central, mas

também da população em geral; valorizaram o conhecimento dos vestígios e do modo de vida da população no passado, assim como de dar a conhecer o modo de vida da população do presente às gerações futuras.

O estudo dos inquéritos demonstra que as crianças, ao serem estimuladas e sensibilizadas para o que as rodeia, podem estabelecer laços de pertença e de proximidade afectiva com o património e desenvolver atitudes de responsabilização pela salvaguarda e transmissão do que constitui o património da localidade/ região onde vivem e pertencem.

As actividades planificadas foram ao encontro da faixa etária das crianças e dos objectivos gerais estabelecidos – Conhecer para valorizar e valorizar para preservar o património local. Pretendia-se que os alunos criassem empatia com o meio envolvente e adquirissem competências de cidadania activa de respeito e defesa dos testemunhos do património local, designadamente do património industrial, porque é importante que cada local, cada população preserve o que tem de mais genuíno, mais representativo e mais identitário (Telmo, 1994) para reforço da afirmação e coesão social.

Como meios de pesquisa de informação, os alunos recorreram à biblioteca escolar e a diversos sites da internet que abordam temas referentes ao meio local. A internet serviu igualmente de suporte *online* da *webquest* orientadora dos trabalhos e para apresentação de alguns dos produtos finais à comunidade educativa, através da página *Web* do Agrupamento de Escolas “A lã e a Neve”. A divulgação dos trabalhos foi ainda realizada através de exposições, da apresentação de diapositivos e do Jornal Escolar – *Letras Coloridas*.

O jornal escolar estimulou a elaboração de trabalhos vários sobre o património local, e sobre o património industrial em particular, constituindo um importante meio de partilha e difusão dos exemplos patrimoniais estudados pelos alunos, dando-os a conhecer mais detalhadamente à comunidade educativa.

A educação patrimonial constituiu o processo mediador entre o sujeito – o/s aluno/s – e o objecto da sua acção – o património – e promoveu a descoberta dos significados, das continuidades e das transformações da herança patrimonial, assim como o fortalecimento da identidade, da auto-estima e da afirmação cultural dos alunos intervenientes no processo, dos professores envolvidos e da comunidade educativa.

Em suma, a acção de educação patrimonial preconizada com os alunos de 2º ciclo da Escola Básica Integrada de S. Domingos visou essencialmente mostrar a possibilidade de accionar diferentes formas de educação em prol do conhecimento e da

apropriação do meio local, mas também de estímulo à prática de uma cidadania activa promotora da salvaguarda dos bens significativos da comunidade.

Ana Carmo Casco defende que a educação patrimonial ajuda a desenvolver nos cidadãos emoções e atitude crítica que lhes permitam, por um lado, respeitar a herança do passado no presente e no futuro e, por outro, seleccionar os elementos culturais / patrimoniais com os quais se pretendem identificar e que querem preservar.

Ensinar o respeito ao passado, mais do que a sua simples valorização, é contribuir para a formação de uma sociedade mais sensível e apta a construir um futuro menos predatório e descartável (...) Uma sociedade culta é uma sociedade cultivada, seja pelos meios formais de educação (...), seja pelos informais (...). E será culta, no sentido mais amplo de portadora de uma cultura, na medida em que for capaz de escolher, no passado e no presente, aqueles – objetos, signos, pessoas, tradições etc. – com os quais quer construir sua linha do tempo no mundo (Casco, s/d).

A educação tem também a função de ensinar a observar, analisar e reflectir para permitir aos cidadãos, e aos jovens em particular, preservar a sua identidade, o seu património, a sua cultura através da prática de uma cidadania consciente e crítica, alicerce para a afirmação da identidade e do sentido de pertença a um local e a uma comunidade.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV, *Cadernos de Arqueologia, Arqueologia Industrial e Património Arquitectónico – 2*, Universidade da Beira Interior, Centro de Estudo e Protecção do Património, Covilhã, 1990.
- CANDAU, Joel, *Antropologie de la Mémoire*, Vêndome, Presses Universitaires de France, 1996.
- COLOM, Antoni Juan, “Educação ambiental y la conservación del patrimonio”, in Jaume Sarramona et al., *Educación no formal*, Ariel, Barcelona, 1998, pp. 127-150.
- CANO, Lúdia Rico e Rosa Maria Ávila Ruiz, “Difusión del patrimonio y educación. El papel de los materiales curriculares. Un análisis crítico”, in E. Ballesteros e outros (coord.), *El patrimonio y la didáctica de las Ciencias Sociales*, Asociación Universitária de Profesores de Didáctica de las Ciencias Sociales, Cuenca, 2003, pp. 31-39.
- CARDONA, Francesc Xavier Hernández, “El patrimonio como recurso en la enseñanza de las Ciencias Sociales”, in Ernesto Arranz Ballesteros e outros (coord.), *El patrimonio y la didáctica de las Ciencias Sociales*, Cuenca, Asociación Universitária de Profesores de Didáctica de las Ciencias Sociales, 2003, pp. 455-466.
- CASTRO, Ferreira de, *A lã e a neve*, Guimarães Editores, Lisboa, 1990.
- CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*, Edições 70, Lisboa, 2000.
- FERREIRA, “Artesanato, cultura e desenvolvimento regional”, *Educação para todos: a construção local dos currículos – a relação escola-meio*, Ministério da Educação, Lisboa, 1993.
- FOLGADO, Deolinda, “Inventário do Património Industrial da Covilhã”, *Património-Estudos*, Nº1, Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, 2001, pp. 186-187.

- _____. "Inventário do Património Industrial da Covilhã – Um Caso de Estudo no Âmbito da Salvaguarda Patrimonial", *Património-Estudos*, Nº 3, Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002, pp. 115-123.

- _____. "Covilhã, A Cidade que Também Foi Fábrica", *Monumentos*, nº 29, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Julho 2009, pp. 88-97.

- FREIRE, Paulo, *Acção cultural para a Liberdade e outros escritos*, Paz e Terra, S. Paulo, 2003.

- HERNÁNDEZ, Josep Ballart, *El patrimonio histórico y arqueológico: valor e uso*, Ariel, Barcelona, 1997.
- _____ e Jordi Juan i Tresserras, *Gestión del patrimonio cultural*, Ariel, Barcelona, 2001.

- ISIDORO, Alcina et al., *Do Foral à Covilhã do Século XII*, Fundação, 1988.

- JOÃO, Maria Isabel, *Memória, História e Educação*, Braga: Núcleo de Estudos Históricos da Universidade do Minho, 2005.

- JORGE, Victor Oliveira, *Arqueologia, património e cultura*, Coleção O Homem e a Cidade, Lisboa, Instituto Piaget, 2000.

- LOUREIRO, Manuel Joaquim, "Sociedade Cognitiva e Arqueologia Industrial: uma Relação para o Futuro", in *Actas das III Jornadas de Arqueologia Industrial*, 12 a 14 de Novembro de 1998, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2002, pp. 305-310.

- MARTÍNEZ, Alfredo J. Morales, *Património Histórico-Artístico*, Historia 16, Madrid, 1996.

- MASACHS, Roser Calaf, *Didáctica del patrimonio*, epistemologia, metodologia y estudio de casos, Ediciones Trea, S.L., Gijón, 2009.

- MENDES, José Maria Amado, "Industrialização e Património Industrial: Desenvolvimento e Cultura, *Viver a Natureza. Pensar o Desenvolvimento*, VIII Curso de Verão da Ericeira, 2006.

- MERILLAS, Olaia Fontal, *La educación patrimonial, Teoría y práctica en el aula, el museo e internet*, Ediciones Trea, S.L., Gijón, 2003.

- MORAGAS, Carlos Romero, "La ciudad histórica y las estrategias de comunicación", in Lozano Bartolozzi (coord.), "Vivir las ciudades históricas", *Actas del Seminario de Turismo, Conservación y Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico y Artístico*, 16-18 de octubre de 1997, Universidad de Extremadura/Fundación La Caixa, Cáceres, 1998, pp. 13-30.

- NAVE, Luís, "A Indústria Mais Linda", (21 de Fevereiro de 2003), *Jornal do Fundão*, Fundão.

- _____. "Escola de Mestres e Tecelões", (21 de Fevereiro de 2003), *Jornal do Fundão*, Fundão.

- _____. "O fio Que Tece a História da Cidade da Covilhã", (21 de Fevereiro de 2003), *Jornal do Fundão*, Fundão.

- NORA, Pierre, "Memória Colectiva" in *Nova História*, Coimbra, Almedina, 1990.

- PEREIRA, Esteves, *A indústria portuguesa, subsídios para a sua história*, Biblioteca de Economia, Guimarães & C^a Ed., 1979.

- PEREIRA, Miriam Halpern, "Os Lanifícios da Covilhã e da Região Serrana: uma Discreta Expansão Oitocentista", in *Actas das III Jornadas de Arqueologia Industrial*, 12 a 14 de Novembro de 1998, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2002, pp. 575-594.

- PINHEIRO, Elisa Calado, "A Covilhã – campo arqueológico-industrial", *Anais Universitários da Universidade da Beira Interior*. 2, Covilhã, 1991.

- _____. “O Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, Covilhã. Uma Intervenção Pioneira no Âmbito da Arqueologia Industrial”, in *Arqueologia e Indústria - Revista da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial*, Nº 2-3, APAI, Edições Calibri, 1999-2000, pp. 163-177.

- _____. "O Património Industrial Covilhanense: Uma Memória a Preservar e a Musealizar”, *Revista Arqueologia Industrial*, Porto, Terceira Série, vol. I, Nº 1-2, 1997, pp. 89-110.

- _____. “Os Fios do Passado a Tecer o Futuro – um Lema para o Museu dos Lanifícios: da Covilhã à Europa pelas Rotas da Lã e Redes de Informação Têxtil”, in *Actas das III Jornadas de Arqueologia Industrial*, 12 a 14 de Novembro de 1998, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2002, pp. 99 – 150.

- _____. “Para a História dos Lanifícios da Covilhã” in *O Livro da Feira*, Edição da Câmara Municipal da Covilhã, 1989.

- QUINTELLA, Arthur de Moura, *Subsídios para a Monografia da Covilhan* (reed.), Fundão, Associação de Estudo e Defesa do Património da Covilhã, 1990.

- RODRIGUES, Manuel Ferreira e J. M. Amado Mendes, *História da indústria portuguesa da Idade Média aos nossos dias*, Edição da Associação Industrial portuense, publicações Europa-América, Mem-Martins, 1999.

- SALGADO, Lucília, (Coord.), *Educação para todos: a construção local dos currículos – a relação escola-meio*, Ministério da Educação, Lisboa, 1993.

- SARRAMONA, Jaume, *Teoría de la educación. Reflexión y normativa pedagógica*, Ariel, Barcelona, 2000.

- SILVA, José Aires da, *História da Covilhã*, [Edição do Autor], Covilhã, 1996.

- SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da, *Indagações Relativas aos Tecidos de Lã. Resultados da Inquirição Feita por Ordem do Conselho Geral das Alfândega*, volume I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1864.

- TELMO, Isabel Cottinelli, *O Património e a Escola – Do Passado ao Futuro*, Coleção Educação Hoje, Texto Editora, Lda, Lisboa, 1994.

- UZCÁTEGUI, César, “El patrimonio bajo la luz de la globalización y el multiculturalismo”, in *Actas del I Congreso Iberoamericano del Patrimonio Cultural*, 29 noviembre -1 de diciembre de 2001, América Ibérica, Madrid, 2001, pp. 703-705.

- VITERBO, Sousa, “Archeologia industrial Portuguesa. Os moinhos”, in *O Archeologo Português*, volume II, nº 8 e 9, Imprensa Nacional, Lisboa, 1896, pp. 193-204.

DOCUMENTOS

- Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), Julho 2003.
- Carta Europeia para uma Literacia dos Media, [Em linha], 2006, [consultado a 2 de Abril de 2010]. Disponível na WWW:
<<http://www.euromedialiteracy.eu/charter.php?id=4>>
- Lei de Bases do Sistema Educativo, 30 de Agosto de 2005.

WEBGRAFIA

▪ ARJONA, Valentina Cantón, “La educación patrimonial como estratégia para la formación ciudadana”, [Em linha], s.d., [consultado a 10 de Outubro de 2010]. Disponível na WWW:

< <http://www.correodelmaestro.com/anteriores/2009/marzo/incert154.htm>>.

▪ CALDAS, Graça, “Mídia, escola e leitura crítica do mundo”, [Em linha], Revista Educação e Sociedade, volume 27, nº94, Campinas, Jan./Abril 2006, pp.117-130, [consultado a 2 de Abril de 2010]. Disponível na WWW:

< <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf>>.

▪ CASCO, Ana Carmen Amorim Jara, “Sociedade e educação Patrimonial”, [Em linha], IPHAN, s.d., [consultado a 3 de Outubro de 2010]. Disponível na WWW:

< http://a.gncdn.com/pfa/fn7CQP14gMqKN5mKCM1modj_jfm0_CE4j21ioE2sbaeJslw17ND_ftuvL1qrT881fw%3D/sociedadeeeducapatrimonial.pdf>.

▪ DUARTE, Ana, “Caderno de Educação Patrimonial”, [Em linha], s.d., [consultado a 3 de Outubro de 2010]. Disponível na WWW:

< <http://arquivohistoricojoinville.com.br/nucleos/Educativo/EducaPatrimonial%20.pdf>>.

▪ GUZZO, Ana Cristina Provin, “A importância do Estudo do Património Histórico para o resgate da Memória”, [Em linha], s.d., [consultado a 21 de Novembro de 2010]. Disponível na WWW:

< <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2512-8.pdf>>.

▪ HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, “PGM 1 – O que é a Educação Patrimonial”, [Em linha], s.d., [consultado a 20 de Novembro de 2009]. Disponível na WWW:

< <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/tetxt1.htm>>.

▪ IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, “Património Industrial – Introdução”, [Em linha], s.d., [consultado a 8 de Julho de 2011]. Disponível na WWW:

< <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial1/>>.

- MENDES, José Maria Amado, “A Arqueologia Industrial: Uma Nova Vertente de Conservação do Património Cultural”, [Em linha] *Revista Portuguesa de História*, 1991, [consultado a 7 de Julho de 2011]. Disponível na WWW:
<<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12792/1/Jos%C3%A9%20M.Amado%20Mendes26.pdf>>.

- MORAES, Allana Pessanha de, “Educação Patrimonial nas Escolas: Aprendendo a Resgatar o Patrimônio cultural”, [Em linha], s.d., [consultado a 24 de Maio de 2010]. Disponível na WWW:
<http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf>.

- MUSLAN – Museu de Lanifícios, [Em linha], Universidade da Beira Interior, s.d., [consultada a 2 de Janeiro de 2011]. Disponível na WWW:
<<http://www.museu.ubi.pt/?cix=3036&lang=1>>.

- PINTO, Luís Castanheira, “Sobre Educação Não-Formal”, [Em linha], Cadernos d’ inducar, 2005, [consultada a 16 de Fevereiro de 2010]. Disponível na WWW:
<<http://www.inducar.pt/webpage/contents/pt/cad/sobreEducacaoNF.pdf>>.

- TEIXEIRA, Simonne, “Educación Patrimonial: Alfabetización Cultural para la Ciudadanía”, [Em linha], Estudios Pedagógicos XXXII, Nº 2:133-145, 2006, [consultado a 20 de Novembro de 2009]. Disponível na WWW:
<http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-07052006000200008&script=sci_arttext>.

- VALECILLO, Zaida Garcia, “Como acercar los bienes patrimoniales a los ciudadanos? Educación Patrimonial, um campo emergente en la gestión del patrimonio cultural”, [Em linha], PASOS – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol.7, Nº2, pp. 271-280, 2009, [consultado a 20 de Novembro de 2009]. Disponível na WWW:
<http://www.pasosonline.org/Publicados/7209/PS0209_9.pdf>.

CD-ROM:

- TOMÉ, Vítor, *CD-ROM “Vamos fazer jornais escolares”*: um contributo para o desenvolvimento da Educação para os Média em Portugal. Tese de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal, 2005.

ANEXO 1

Património Industrial da Covilhã – a cidade e a serra



Figura 1 – Localização da Covilhã na encosta da Serra da Estrela.

Fonte: Imagens Google.

Património Industrial da Covilhã – o centro histórico e as ribeiras



Legenda:

 Centro histórico

 Ribeiras

Figura 2 – Mapa da Localização do centro histórico e das ribeiras da Degoldra (ou Goldra) e da Carpinteira.

Fonte: Imagens Google.

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 3 – Antiga Real Fábrica dos Panos /

Hoje Universidade da Beira Interior (UBI) -Pólo I / Museu dos Lanifícios.

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 4 – Antiga Real Fábrica dos Panos /
Hoje Universidade da Beira Interior (UBI) -Pólo I / Museu dos Lanifícios.
(Pormenor do arco)

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 5 – Antiga Real Fábrica dos Panos / Museu dos Lanifícios.

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 6 – Antiga Real Fábrica dos Panos /

Hoje Universidade da Beira Interior (UBI) -Pólo I / Museu dos Lanifícios.

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 7 – Antiga Real Fábrica dos Panos / UBI (Pólo1)

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 8 – Antiga Real Fábrica dos Panos (*primeiro plano*)/ Hoje Pólo I da UBI
- Antiga Fábrica de José Mendes Veiga / João Bernardo Gíria (*ao fundo, à direita*)/
Hoje Faculdade de Ciências da Saúde-Ciências Farmacêuticas – UBI.

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 9 – Antiga Tinturaria / Hoje Galeria de Exposições

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 10 – Ribeira da Goldra recuperada.

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 11 – Ribeira da Goldra recuperada (queda de água - pormenor)

Património Industrial – Ribeira da Goldra

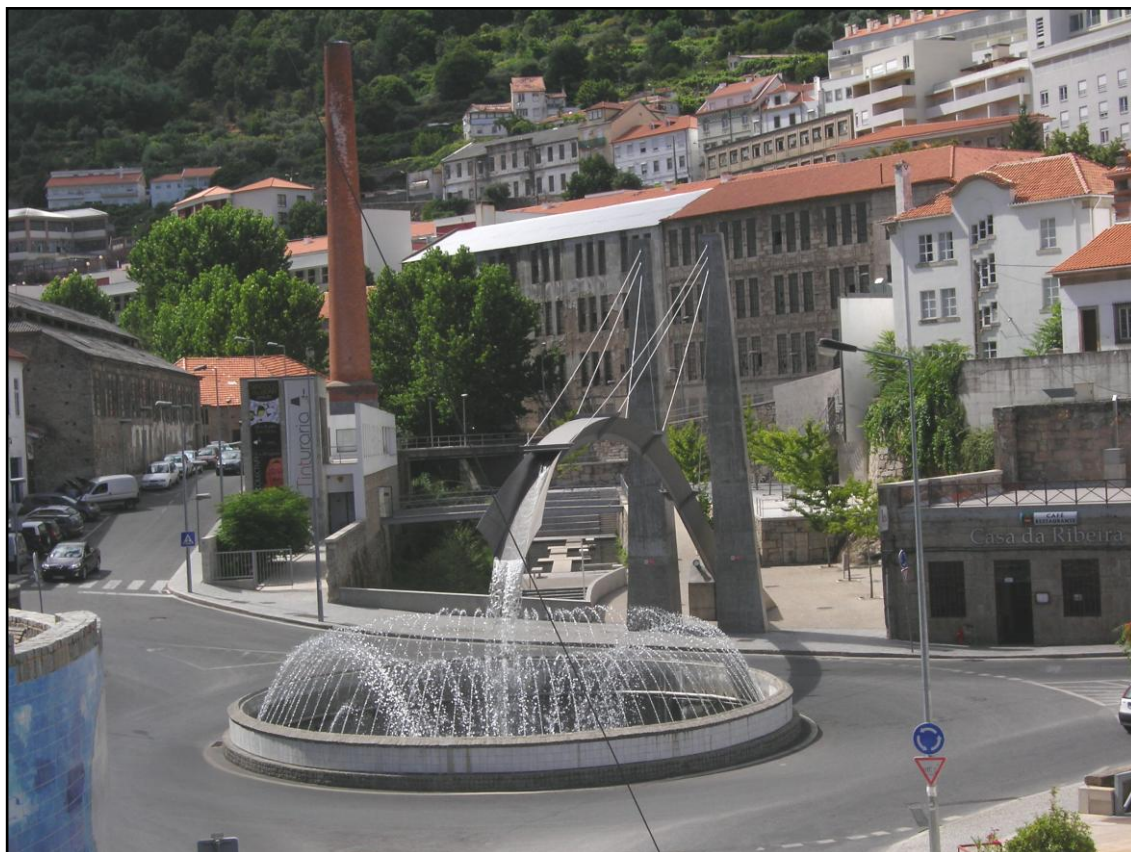


Figura 12 – Largo do Rato

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 13 – Largo do Rato / UBI

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 14 – Antigas Fábricas da Ribeira da Goldra / Hoje UBI

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 15 – Antigas Fábricas da Ribeira da Goldra / Hoje UBI

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 16 – Ribeira da Goldra reabilitada.

Património Industrial – Ribeira da Goldra



Figura 17 – Antiga Empresa Transformadora de Lãs /
Hoje Pólo das Engenharias (*Pormenor da entrada*)

Património Industrial – Ribeira da Carpinteira



Figura 18 – Antigas Fábricas da Ribeira da Carpinteira
- Fábrica Velha ou Fábrica Campos Melo (*Primeiro plano*)

Património Industrial – Ribeira da Carpinteira



Figura 19 – Antigas Fábricas da Ribeira da Carpinteira

Património Industrial – Ribeira da Carpinteira



Figura 20 – Antiga Fábrica Ernesto Cruz – Ribeira da Carpinteira/
Hoje Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Pólo IV – UBI

Património Industrial – Ribeira da Carpinteira



Figura 21 – Estendedouro – Escadas do Castelo

Património Industrial – Ribeira da Carpinteira



Figura 22 – Râmolas – Ribeira da Carpinteira

ANEXO 2

Questionário 1

PATRIMÓNIO LOCAL	Ano / Turma_____		
O questionário que se segue pretende recolher informações sobre a ideia/ conceito de Património Local.			
QUESTIONARIO 1			
1 - Já ouviste falar em Património?			
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não		
2 - Assinala os exemplos que consideras poderem ser património local / regional:			
<input type="checkbox"/> igreja	<input type="checkbox"/> museu	<input type="checkbox"/> obra-de-arte	<input type="checkbox"/> arquivo municipal
<input type="checkbox"/> festividades locais	<input type="checkbox"/> artesanato	<input type="checkbox"/> parque natural	<input type="checkbox"/> rio
<input type="checkbox"/> antigos edifícios e máquinas industriais		<input type="checkbox"/> lendas	
3 - Dos exemplos que se seguem, quais consideras fazerem parte do Património da tua localidade/ região.			
<input type="checkbox"/> capela de S. Domingos	<input type="checkbox"/> museu dos lanifícios	<input type="checkbox"/> Ribeira da Goldra	
<input type="checkbox"/> fábricas e equipamentos da indústria de Lanifícios	<input type="checkbox"/> estátua de D. Luís	<input type="checkbox"/> feira de S. Tiago	
<input type="checkbox"/> cão da serra da Estrela	<input type="checkbox"/> centro da cidade / Pelourinho	<input type="checkbox"/> Serra da Estrela	
4- Dos exemplos que indicaste, escolhe dois que consideres mais importantes.			
1 _____	2 _____		
4.1.- Justifica a tua resposta. _____			

5 - Achas que os exemplos que seleccionaste devem ser cuidados e deixados às gerações futuras?			
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não		
5.1.- Justifica a tua resposta. _____			

ANEXO 3

Questionário 2

PATRIMÓNIO LOCAL

Ano / Turma_____

O questionário que se segue pretende recolher informações sobre a ideia/conceito de Património Local, após a Visita de Estudo pelo Património da cidade.

QUESTIONÁRIO 2

1 - Selecciona com X o item que achas que melhor expressa o conceito/ ideia de Património Local.

- Monumentos e edifícios públicos - bancos, hospital, lares da 3ª idade, escolas.
- Monumentos e zonas históricas.
- Monumentos, zonas históricas, lendas e histórias sobre a localidade e os seus habitantes no passado.
- Monumentos, zonas históricas e tudo o que caracteriza a localidade e os seus habitantes no passado e no presente.
- Monumentos mais belos da localidade.
- Monumentos mais belos e mais antigos da localidade.

2 - Assinala de 1 a 3, por ordem decrescente, os três exemplos que consideras que melhor representam o Património da tua cidade.

(1 - mais ... 3 - menos)

- Igreja de Santa Maria
- “Panos” da muralha Lanifícios
- Sepulturas medievais
- Judiaria
- Outro. Ex:_____
- Centro da cidade / Pelourinho
- Fábricas, máquinas e equipamentos da antiga indústria de Lanifícios
- Galeria de Exposições da Tinturaria
- Museu dos Lanifícios

3 - Consideras importante preservar o Património Local?

- Sim
- Não

4 - Quem achas que deve preservar o Património Local?

- Estado
- Câmara Municipal
- Juntas de freguesia
- Outro. Ex._____
- Associações culturais
- Proprietários
- A população em geral

5 - Achas importante conhecer os vestígios e o modo de vida da população no passado?

Sim Não

6 - E no futuro, os nossos descendentes devem conhecer o modo de vida da população de hoje?

Sim Não

ANEXO 4

Webquest – “À descoberta do Património Local”

Disponível em: http://www.anossaescola.com/cr/webquest_id.asp?questID=2238

Trabalhos realizados pelos alunos no âmbito do estudo do Património Industrial local.



Figura 1

Trabalhos realizados pelos alunos no âmbito do estudo do Património Industrial local.

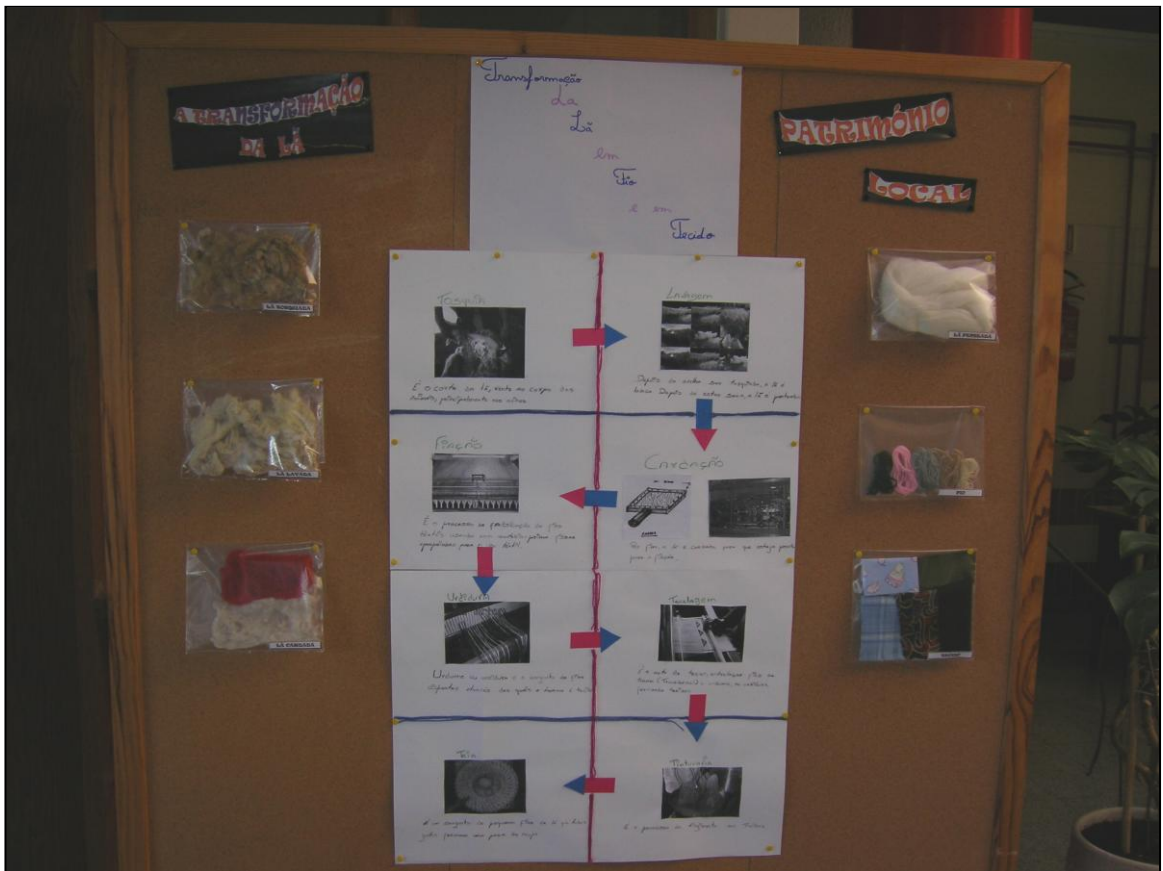


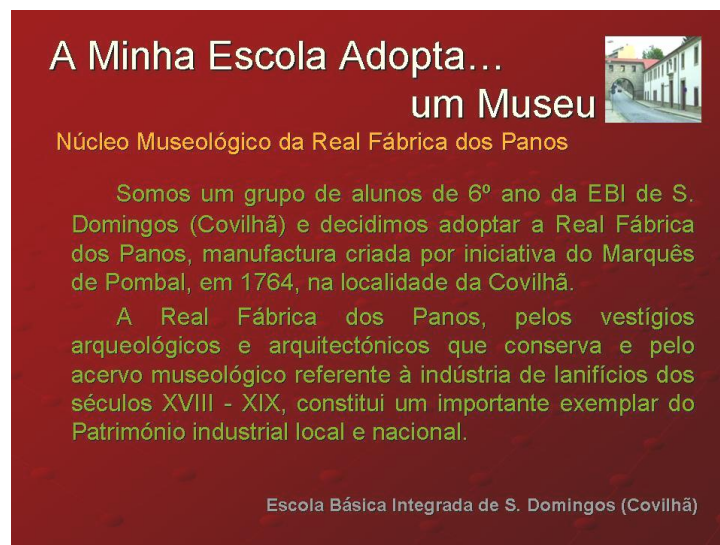
Figura 2

ANEXO 6

Concurso Escolar – “A minha escola adota um museu, um palácio, um monumento...”

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=2_foCmqFzVY

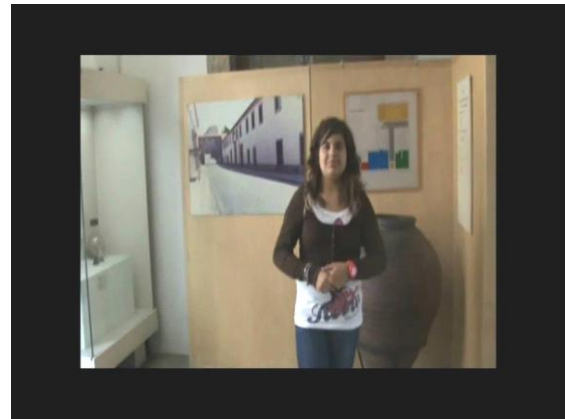
Diapositivos e protagonistas do trabalho:



A Minha Escola Adopta...
um Museu 
Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos

**A RECUPERAÇÃO E
MUSEALIZAÇÃO**

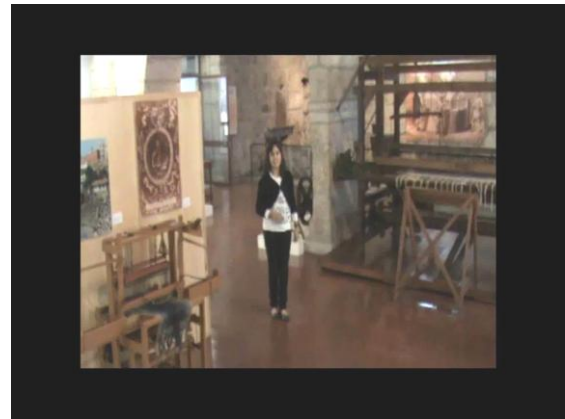
Escola Básica Integrada de S. Domingos (Covilhã)



A Minha Escola Adopta...
um Museu 
Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos

**A TINTURARIA
DOS PANOS DE LÃ**

Escola Básica Integrada de S. Domingos (Covilhã)



A Minha Escola Adopta...
um Museu 
Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos

O TANQUE DE ÁGUA

Escola Básica Integrada de S. Domingos (Covilhã)



A Minha Escola Adopta...
um Museu 
Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos

**A TINTURARIA
DAS LÃS EM MEADA**

Escola Básica Integrada de S. Domingos (Covilhã)



A Minha Escola Adopta... um Museu

Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos



O CORREDOR DAS FORNALHAS

Escola Básica Integrada de S. Domingos (Covilhã)



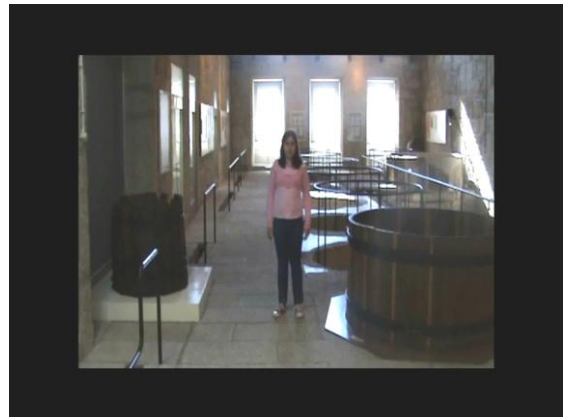
A Minha Escola Adopta... um Museu

Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos



A TINTURARIA DAS DORNAS

Escola Básica Integrada de S. Domingos (Covilhã)



A Minha Escola Adopta... um Museu

Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos



Com o trabalho que realizámos procurámos conhecer, compreender e valorizar o património significativo da região onde vivemos – o património industrial.

O estudo da Real Fábrica dos Panos permitiu-nos conhecer a actividade económica dos Lanifícios, aprofundar o conhecimento da cidade da Covilhã e da região da Serra da Estrela e concluir como é importante preservar os vestígios do passado para compreendermos o presente e o futuro.

Escola Básica Integrada de S. Domingos (Covilhã)

A Minha Escola Adopta... um Museu

Núcleo Museológico da Real Fábrica dos Panos



TRABALHO REALIZADO PELOS ALUNOS DE 6º ANO:

Adriana Filipa Carvalho Morgado

Daniela Filipa Nunes Silveira

Inês Gomes Nunes

Mariana Isabel Seguro Correia

João Pedro Travasso Cabral

PROFESSORA RESPONSÁVEL:

Cristina Martins

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DA PROFESSORA:

Cristina Madalena

Escola Básica Integrada de S. Domingos (Covilhã)